

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**EFEITOS DA PRÁTICA DE UMA MODALIDADE
DESPORTIVA NA PROMOÇÃO DA
INTERCULTURALIDADE**

Maria Ramos Silva

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Secção de Psicologia da Educação e da Orientação)

2010

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**EFEITOS DA PRÁTICA DE UMA MODALIDADE
DESPORTIVA NA PROMOÇÃO DA
INTERCULTURALIDADE**

Maria Ramos Silva

Dissertação orientada pela Professora Doutora Sara Bahia

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Secção de Psicologia da Educação e da Orientação)

2010

Agradecimentos

Agradeço à professora Sara Bahia pelo apoio, confiança e pela sua criatividade inata...

À Escolinha de Rugby da Galiza, em particular, à directora, ao coordenador do *rugby*, aos treinadores e aos grandes jogadores das equipas de Sub-12 e Sub-14...

Aos meus pais e irmã pois é a eles que devo tudo o que sou hoje...

À restante família por sempre se orgulhar de mim...

Ao Pedro por nunca me deixar perder o ânimo e a auto-confiança, e sobretudo por me fazer sentir a melhor pessoa do mundo...

À minha querida amiga Neuza pelo seu suporte, pela partilha de dúvidas, receios, alegrias, por todo o companheirismo e amizade...

À Universidade da Beira Interior pelas primeiras e tão importantes aprendizagens neste campo vasto e complexo que é a Psicologia...

À Secção de Psicologia da Educação e Orientação da Faculdade de Psicologia de Lisboa pois, de uma forma ou de outra, todos contribuíram um bocadinho para este trabalho!

Resumo

A mobilidade social conduziu a uma maior diversidade cultural crescente em todos os cantos do mundo. Contudo, a nossa sociedade, nomeadamente, o ramo da educação, não se tem ajustado às mudanças ocorridas (Rodrigues, 2006). Busca-se a homogeneidade e ignora-se a diferença (Bahia & Fontoura, 2005), o que resulta em problemas de integração entre indivíduos de diferentes origens culturais num contexto cultural que não o seu (Neto, 1996). Sendo o desporto um meio de socialização e interacção (Seraganian, 1993) poderá contribuir para minorar estes problemas. O presente estudo procura compreender que factores, crenças, atitudes e práticas são promotores da interculturalidade num contexto desportivo específico, a Escolinha de Rugby da Galiza, em jovens com idades compreendidas entre os 10 e os 14 anos e seus treinadores. A investigação assumiu um carácter qualitativo e os resultados indicam que a prática de uma modalidade desportiva colectiva parece ser um meio facilitador da integração/inclusão de jovens de diferentes origens culturais.

Palavras-chave: Interculturalidade; Prática Desportiva; Contextos de educação não-formal.

Abstract

Social mobility has led to an increasing cultural diversity around the world. However, society, namely, education has not adjusted to these changes (Rodrigues, 2006). Attempting uniformity, by ignoring the difference (Bahia & Fontoura, 2005), results in integration problems between individuals of different cultural backgrounds in a cultural context other than their own (Neto, 1996). As sport is a means of socialization and interaction (Seraganian, 1993), it can help to decrease these problems. This study seeks to understand what factors, beliefs, attitudes and practices promote interculturality in a specific sports context, the Escolinha de Rugby da Galiza in young people from aged between 10 and 14 years and their coaches. The research was qualitative and the results indicate that the practice of a collective sport seems to facilitate integration / inclusion of young people from different cultural backgrounds.

Keywords: Interculturalism; Practice of sports, non-formal educational contexts.

Índice

Introdução	7
Capítulo I: Enquadramento Teórico	9
1.1 A Interculturalidade	9
1.1.1 Estádios de construção da identidade cultural	10
1.1.2 Ideologia ou realidade?	11
1.2 O Desporto: benefícios da sua prática	14
1.3 A fase de desenvolvimento: pré-adolescência/adolescência	16
1.4 Questões de investigação	19
Capítulo II: Metodologia	20
2.1 População	20
2.2 Instrumentos	20
2.3 Procedimentos	23
Capítulo III: Apresentação e Análise dos Resultados	25
Conclusões	40
Referências Bibliográficas	44
Anexos	49

Introdução

O aumento das migrações culturais levou à revitalização dos movimentos étnicos, o que impôs a própria multiculturalidade. Esta mobilidade social conduziu a uma maior diversidade cultural crescente em todos os cantos do mundo. As culturas misturam-se. Actualmente é notória a multiplicidade cultural, étnica e linguística presente na União Europeia, inclusive em Portugal. Assim, no ano de 1997, o Comité das Regiões afirmou que essa diversidade deve ter expressão na *educação intercultural* (Fontoura, 2005).

Assiste-se hoje a uma maior consciencialização dos direitos humanos, em que a Lei nº 45/2009 de 30 de Agosto da Lei de Base do Sistema Educativo, apresenta o artigo nº 3: “assegurar o direito à diferença, mercê do respeito pelas personalidades e pelos projectos individuais da existência, bem como da consideração e valorização dos diferentes saberes e culturas”. Contudo, são ainda comuns ambientes onde as pessoas são julgadas pela cor da pele, pelos seus hábitos culturais e não pelo que de facto são (Fontoura, 2005). Na realidade, o conceito de diferenciação é, na maior parte das vezes, ignorado. Busca-se a homogeneidade e ignoram-se os níveis de desenvolvimento cognitivo, social, moral e linguístico, e os diferentes estádios de desenvolvimento por que passa a construção da identidade cultural (Bahia & Fontoura, 2005). Os jovens têm muitas vezes de lidar com as mudanças associadas à aculturação, bem como as mudanças normais do desenvolvimento. Ambas podem ocorrer rapidamente e em simultâneo (Neto, 2000). A adolescência é um período particularmente crítico sobretudo no que concerne aos valores pois deixam de ser, em grande parte, definidos pelos pais, passando os dos pares a assumir uma maior relevância (Bahia & Fontoura, 2005).

Perante esta realidade, conceitos como heterogeneidade, interacção e cooperação passam a ser cada vez mais importantes. A atitude perante a diferença pode inibir o desenvolvimento pleno dos indivíduos e, consequentemente, o bem-estar social. Já Vygotsky referia que o conceito de desenvolvimento humano só pode ser compreendido tendo em conta os processos sociais, culturais e históricos. Para Ratner (2000), a formação cultural da pessoa constitui a lei de base fundamental para o desenvolvimento humano (Bahia & Fontoura, 2005).

Por seu turno, o desporto e a socialização inerente à sua prática constituem um importante papel para o desenvolvimento da criança e do adolescente. McGrath (1984)

mencionou que a interacção é o factor central num grupo desportivo, sendo este um contexto promotor da criação de laços de amizade e aprovação social dos pares (Brustad & Parker, 2005). Brawley (1989), Carron (1988) and Widmeyer (1989) notaram que embora os grupos desportivos representem a maior estrutura social através das diversas culturas, a investigação nesta área é ainda limitada (Seraganian, 1993). Neste sentido, o desporto pode constituir-se como um importante recurso educacional promotor da interculturalidade.

Assim, o presente estudo tem como base os problemas de integração entre indivíduos de diferentes culturas, particularmente entre os que residem num país cuja cultura dominante não é a sua (Neto, 1996). De que forma a prática desportiva pode contribuir para minorar estes problemas? Quais os factores promotores da interculturalidade num grupo desportivo? Quais as crenças dos treinadores que valorizam a interculturalidade? E quais as atitudes e práticas dentro de campo promotoras da interacção num grupo com diferentes culturas?

De referir que o presente estudo foi realizado com uma população específica, a Escolinha de Rugby da Galiza, que abrange crianças e jovens de diferentes origens culturais, constituindo uma actividade extra-curricular. Dando resposta às questões mencionadas serão cumpridos dois objectivos: verificar numa determinada faixa etária e num contexto específico os efeitos da prática de uma modalidade desportiva na promoção da Interculturalidade, e verificar como uma prática extra-curricular pode ter impacto no contexto escolar.

Este trabalho apresenta quatro capítulos. Inicialmente, é feito um enquadramento teórico acerca das variáveis que nortearam o estudo, o segundo capítulo apresenta a metodologia utilizada, nomeadamente, população, instrumentos e procedimentos. Seguidamente são apresentados e analisados os resultados obtidos e, por último, as principais conclusões que podem ser retiradas após a realização deste trabalho de investigação, bem como eventuais implicações futuras.

Capítulo I. Enquadramento Teórico

1.1 A Interculturalidade

Em todo o mundo as pessoas são cada vez mais diferentes. Interage quotidianamente uma grande diversidade de grupos étnicos, de culturas e percepções. Experimentamos a diversidade porque o nosso mundo tem diversidade (Fontoura, 2005). Concretamente, Portugal passou a ser um país de destino de imigrantes (Neto, 2000).

O conceito de diversidade cultural implica, entre outros aspectos, as diferenças culturais existentes entre as pessoas, como a linguagem, a indumentária, as tradições e os costumes, o género, a etnia, a religião, a arte (Goulão & Bahia, no prelo). Contudo, a definição do termo Cultura nem sempre é consensual. A cultura pode ser definida como uma herança social que inclui representações colectivas (linguagem, símbolos, rituais, etc.) que advêm do contacto permanente dos sujeitos com o meio envolvente (Goulão & Bahia, no prelo). A cultura afecta profundamente a nossa forma de ver e pensar sobre o mundo, de compreender as relações entre as pessoas, pensamentos e acontecimentos, em estabelecer preferências e objectivos, e em conduzir as nossas acções. “Nós estamos culturalmente condicionados. Vemos o Mundo da maneira que o aprendemos a ver. Apenas de forma limitada podemos, no nosso pensamento, sair dos limites impostos pela nossa condição cultural.” (Hofstede, 1980b, citado em Lago, 2006).

A convivência entre sujeitos e grupos culturalmente diferenciados pode dar origem ao fenómeno da aculturação. A aculturação constitui uma mudança cultural em resultado de contactos contínuos e directos entre dois grupos culturais distintos (Neto, 2000), onde ocorre um processo de assimilação quando uma cultura é influenciada por outra mais forte e os seus membros começam a adoptar novos comportamentos, hábitos e características do grupo dominante (Goulão & Bahia, no prelo).

A identidade pessoal constrói-se progressivamente desde a infância, a partir da interacção com o outro. Este processo desenrola-se inicialmente no seio familiar, no entanto, ao crescer, a criança começa a conhecer diferentes meios, outros comportamentos, outros hábitos, outras referências culturais, novos modos de vida, outras religiões, outras etnias. Começa assim a ajustar-se às diferentes condutas e papéis. É através do meio que a criança aprende a sua nacionalidade, a profissão dos

país, se é de raça branca ou negra, católica ou muçulmana, etc. (Ladmiral & Lipiansky, 1989). Estudos referem que aos três anos a criança já distingue diferenças étnicas e raciais, e aos cinco anos identifica claramente essas diferenças (Fontoura, 2005). Aos poucos a criança começa a tomar consciência face à sua identidade (cultural e social) (Ladmiral & Lipiansky, 1989), criando no seu auto-conceito a noção de pertença a um determinado grupo étnico (Rosenthal, 1987).

Interculturalidade e multiculturalismo são conceitos que são frequentemente utilizados como sinónimos. Porém, expressam realidades distintas. O conceito de interculturalidade implica uma relação contínua e construtiva entre sujeitos de diferentes grupos culturais, sem existir superioridade de um sobre o outro (Goulão & Bahia, no prelo). Refere-se ao modo de compreender o “diferente” que caracteriza a singularidade do ser humano, à capacidade de respeitar as diferenças e de integrá-las numa unidade que não as anule mas que active o seu potencial criativo e essencial na relação entre diferentes agentes e entre os respectivos contextos (Fleuri, 2005). O multiculturalismo acontece quando dois ou mais grupos culturais coexistem no mesmo espaço geográfico e social (Goulão & Bahia, no prelo).

1.1.1. Estádios de construção da identidade cultural

James Banks (2001) definiu seis estádios por que passa a construção da identidade cultural. No estágio 1, definido como “cativeiro psicológico cultural”, a pessoa absorve as ideologias e crenças negativas enraizadas na sociedade acerca do seu grupo cultural, possuindo uma baixa auto-estima e auto-rejeição da sua cultura. Neste estágio são comuns atitudes como a vergonha, a revolta, o evitamento, a negação, o conflito, sintomas típicos de grupos alvo de marginalização ao longo da história. O segundo estágio, “encapsulação cultural”, é caracterizado pelo separatismo voluntário, ou seja, os indivíduos participam activamente no grupo cultural a que pertencem, acreditando na sua superioridade (etnocentrismo). Acreditam que os outros constituem uma ameaça para a sua comunidade, o que estimula a vontade de mostrar a soberania do seu grupo cultural. Quanto ao terceiro estágio de Banks, é denominado de “clarificação da identidade cultural”, em que o sujeito é capaz de compreender atitudes pessoais e identidades culturais com o objectivo de reduzir os conflitos (resposta positiva à diferença), desenvolvendo assim atitudes favoráveis face ao seu grupo (auto-aceitação cultural). Os membros de grupos étnicos minoritários examinam, aprendem e

desenvolvem uma compreensão do significado e das implicações da sua própria etnicidade e da dos outros, geralmente assumindo a pertença ao seu grupo e abdicando da identificação com o grupo majoritário (Fontoura, 2005). O estágio quatro, “biculturalismo”, caracteriza-se por um forte sentido da identidade cultural, por uma necessidade de participar com sucesso na comunidade cultural a que se pertence. Os níveis de biculturalismo são variáveis. O “multiculturalismo” constitui o quinto estágio da tipologia de Banks. Neste estágio, a pessoa funciona, compreende, aprecia e partilha valores, símbolos e instituições de diversas culturas. As expectativas multiculturais mostram-se essenciais para o desenvolvimento pessoal e para a resolução de problemas. No último estágio, “globalismo e competência global”, o indivíduo possui a capacidade para funcionar com outras culturas, noutros pontos do mundo, existindo uma interiorização dos valores e princípios éticos universais. O equilíbrio entre as identidades culturais, nacionais e globais passa a ser um ideal (Banks, 2001).

Os estágios não são estanques, cada estágio é uma parte de um processo em desenvolvimento. Deste modo, é necessário respeitar esse desenvolvimento e procurar ultrapassar as possíveis dificuldades na passagem de um estágio para outro (Banks, 2001).

1.1.2 Ideologia ou realidade?

Como já referido anteriormente, Portugal tem vindo a tornar-se um país receptor de imigrantes oriundos de diferentes pontos do mundo. As comunidades de imigrantes são geralmente provenientes da Europa do Norte e de Leste, comunidades Africanas, Asiáticas e comunidades da América do Norte e do Sul (Neto, 2000). Contudo, a nossa sociedade, e nomeadamente, o ramo da educação, não se tem ajustado às mudanças ocorridas. A busca pela definição da natureza humana, como se esta fosse uma e indivisível, parece não satisfazer as prescrições colocadas hoje pela diversidade (Neves, 2007). O comportamento humano é o resultado de interações dinâmicas entre sistemas sociais, tendo os ambientes e os contextos um grande impacto na acção social (Brofenbrenner, 1979). Assim, não podemos fechar os olhos à influência das questões culturais no modo de ser e estar das pessoas (Neves, 2007). O encontro de culturas, de diferentes origens socioeconómicas, não deve constituir um obstáculo, mas sim uma forma de enriquecimento (Goulão & Bahia, no prelo).

Reconhecer o outro como diferente é aceitar relativizar o nosso próprio sistema de valores; é admitir que podemos ter outras motivações, outras referências, outros hábitos que não os nossos. Este processo de descentração requer a consciência da nossa própria identidade cultural. Reconhecer, identicamente, o outro como igual, é admitir que a diferença não exclui qualquer similitude (Ladmiral & Lipiansky, 1989). Segundo Skliar (2002) a diferença constitui-se pela auto-afirmação do outro. “A irrupção do outro é uma diferença que difere, que nos difere e que se difere sempre de si mesma” (Fleuri, 2005). Desta forma, somos convidados a viver com os nossos padrões culturais como apenas mais um, dentro de muitos, abrindo-nos portas para o encontro com a diferença. É perante esta perspectiva que a educação intercultural se preocupa com as relações entre seres humanos culturalmente distintos uns dos outros (Fleuri, 2005).

Contudo, não nos podemos esquecer que ainda existem muitos estereótipos, preconceitos e discriminação relacionados com determinados grupos culturais e étnicos. Segundo a psicologia social, o conceito de estereótipo significa uma crença ou representação rígida, simplificadora e distorcida de um aspecto da realidade, generalizada a um grupo cultural. Esta favorece o aparecimento e a manutenção do preconceito e da discriminação. O preconceito é um juízo preconcebido e desfavorável relativamente a uma pessoa ou a grupo social, como é o exemplo do racismo. A discriminação é a adopção de comportamentos diferenciados tendo por base o preconceito, ou seja, é a manifestação comportamental do preconceito (Goulão & Bahia, no prelo).

Em Portugal, como um pouco por todo o mundo, as práticas inclusivas não abrangem todos os contextos educativos (Rodrigues, 2006). É notória a contradição existente entre a legislação (como expressa o artigo nº 3 da Lei nº 45/2009 de 30 de Agosto da Lei de Base do Sistema Educativo, já referido anteriormente) e as práticas reais (Rodrigues, 2006; Watkins, 2007). A existência desta contradição resulta do próprio comportamento humano, isto é, os nossos pensamentos, crenças e sentimentos conduzem aos nossos actos (Bandura, 1986). A mudança é necessária e primeiro é preciso reconhecer e compreender os sentimentos e emoções envolvidos na inclusão (Goulão & Bahia, no prelo). Bandura (1986) refere que a passagem à acção depende de um conjunto de factores cognitivos (crenças, atitudes), reflexivos (preocupações, pensamento crítico), regulatórios (compreensão e controlo emocional) e vicariantes (pensamentos e acções dos outros).

Deste modo, um dos grandes desafios para a educação de hoje é aprender a viver com os outros. É necessário compreender as semelhanças bem como as diferenças entre as pessoas, aceitando a singularidade de cada indivíduo (Goulão & Bahia, no prelo). A própria concepção de educação tem de passar por uma mudança, deixando de ser um processo de formação unidireccional e unidimensional, passando a ser entendida como uma relação entre diferentes âmbitos e sujeitos, criando contextos interactivos. Como diz Freire, “as pessoas educam-se na relação, mediatizadas pelo mundo, ao mesmo tempo que os respectivos mundos culturais e sociais se transformam, mediatizados pelas próprias pessoas na relação” (Fleuri, 2005). A educação deve procurar potenciar o desenvolvimento harmonioso a todos os níveis (comportamental, cognitivo, motivacional, sócio-emocional e moral) com a finalidade de proporcionar o bem-estar pessoal e a adaptação social (Bahia, Pereira & Monteiro, 2008).

Se a escola não tem conseguido lidar eficazmente com a diversidade cultural dos alunos, ao tentar preservar a unidade, homogeneidade e equidade, sem conseguir assim garantir a qualidade e eficácia do sistema e dos resultados (Fontoura, 2005; Okagaki, 2001), a lacuna também se sente ao nível da análise e exploração de outros contextos, que podem ser complementares à escola, como os contextos não formais, e que respondam igualmente a essa necessidade (Ainscow, Dyson, Goldrick, Kerr, & Miles, 2008). Perante isto, devem ser criados espaços que promovam a educação inclusiva, sejam eles formais, informais ou não formais (Bahia, 2009).

1.2 O Desporto: benefícios da sua prática

O Desporto é uma actividade específica, com regras, espaços e materiais, equipamentos, roupas, funções, personagens, valores, formas e processos originais (Brito, 1994). A prática desportiva tem sido um meio para as pessoas procurarem o seu bem-estar psicológico, face às novas exigências e pressões colocadas pela sociedade moderna. O impacto do exercício físico nas variáveis psicológicas tem sido referido repetidamente pelos mais diversos autores, por exemplo, aumenta o rendimento académico, a assertividade, a confiança, a estabilidade emocional, o *locus* de controlo interno, o auto-controlo, o bem-estar, diminuindo variáveis como a ansiedade, a irritação, a depressão, a hostilidade, sintomas psicossomáticos, entre outros (Cruz, Machado & Mota, 1996).

Para Giddens (1996), o desporto tem constituído ao longo do tempo um processo de “intensificação das relações sociais à escala mundial, relações que ligam comunidades distantes de tal maneira que as ocorrências locais são moldadas por acontecimentos que se dão a muitos quilómetros de distância, e vice-versa”. Um exemplo são os Jogos Olímpicos, uma actividade realizada com o objectivo de aliar os povos, como é possível constatar através de um dos seus símbolos, a bandeira, composta por cinco anéis entrelaçados, representando assim a união dos cinco continentes.

O desporto é uma prática cultural da sociedade moderna. É um fenómeno com cada vez mais visibilidade no mundo; veio substituir o que outrora era um passatempo de só alguns grupos culturais (Stigger, 1999). O desporto encontra-se profundamente inserido na esfera lúdica e, logo, cultural do Homem. É direito exigido por todos os povos, é forma de convívio e afirmação internacionais, é meio de educação, é cultura (Brito, 1976).

Diversos estudos e autores apoiam a concepção de que o desporto é um meio transmissor de valores, comportamentos e socialização. Curiosamente, segundo Carron (1988), a *performance* de grupos desportivos heterogéneos é maior do que a de grupos homogéneos.

Um estudo intercultural desvendou que o desporto facilita a aquisição de valores específicos durante a infância, como a obediência e a responsabilidade (Brustad & Parker, 2005). A prática desportiva aumenta ainda o auto-conceito nas crianças e nos adolescentes (Horn, 1992), pois permite que estes experienciem sentimentos de competência, orgulho, admiração, aprovação dos pares, pais e treinadores (Smith, Zane, Smoll & Coopel, 1983). Promove inúmeras oportunidades para a interacção social (Brustad & Parker, 2005), levando à aquisição de padrões comportamentais (liderança, carácter, cooperação) e valores (competição, partilha, trabalho de equipa, contacto com regras, muitas delas transferidas para a convivência em sociedade) (Smith et al, 1983). Um programa desenvolvido com jovens “ em risco”, de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 12 e os 14 anos, *Adelante Climbing Program*, mostrou diversos resultados benéficos ao nível do desenvolvimento destes jovens, sobretudo no que concerne ao desenvolvimento moral. As principais características que definiam esta população era o egocentrismo, desafio à autoridade, padrões comportamentais inadequados (ausência de respeito para com o outro, consumo de drogas, participação em gangs, actividade sexual precoce, percepção do mundo como um lugar negativo). Os

encontros davam-se uma vez por semana, durante uma hora, num centro de escalada, perante a presença de 4 a 5 líderes adultos. Nenhum dos jovens tinha experiência na modalidade. O programa consistia na aprendizagem da modalidade, percebendo os seus riscos, e recorrendo à ajuda dos instrutores e colegas, sempre com uma reflexão da sessão no final. Ao longo do programa, os jovens foram demonstrando uma linguagem positiva, ajuda ao outro, obediência aos instrutores, respeito pela diferença, perseverança, auto-controlo, adquirindo competências de tomada de decisão e estabelecimento de objectivos. Assim, aprenderam a ver o mundo de outra forma e a interagir positivamente com o outro (Brustad & Parker, 2005).

O treino de jovens pode ser decisivo para o seu futuro, a nível desportivo e pessoal. As crianças são capazes de auto-construir um adulto com base nas suas vivências desportivas. Deve privilegiar-se o gosto pela modalidade, criar hábitos desportivos e de disciplina (Carvalho, 2009).

Um dos factores que mais influencia o início da prática de uma modalidade desportiva é o grupo de pares (sobretudo na adolescência) e o desejo de estabelecer amizades (Brustad & Parker, 2005; Seraganian, 1993). O grupo permite ao indivíduo uma afirmação individual, uma troca de riqueza, um sentimento de participação, uma segurança que resiste mesmo às frustrações (como as derrotas). Cada grupo é uma micro-sociedade onde se aprendem níveis mais amplos de participação social e é, muitas vezes, um complemento (se não substituição) da vida familiar e/ou de outros pequenos núcleos afectivos (Brito, 1976).

O papel do treinador na prática de uma modalidade desportiva é também de grande relevância pois este acaba por ser um complemento aos pais e professores na educação e formação do atleta como pessoa e cidadão, ao transmitir conceitos, valores e atitudes (Carvalho, 2009). Martens (1970) refere que o sucesso de uma equipa depende, para além do grau de motivação, das orientações dadas pelo treinador (Klein & Christiansen, 1969). A relação jogadores-treinador tem uma grande influência na coesão da equipa (Carron & Chelladurai, 1981), uma importante variável ao nível individual e grupal (Carron, 1988). E a presença de um modelo positivo e apoiante é ainda um factor protector de efeitos negativos, como os já referidos, estereótipos, preconceitos e discriminação (Goulão & Bahia, no prelo).

A psicologia do desporto, apesar de ter um abrangente campo de estudo, tem direccionado os seus trabalhos essencialmente para o desporto de alta competição, para questões como o stress, a ansiedade, a atenção/concentração, a liderança, entre outras

(Brito, 1990; Cruz, 1996). Mas porque não perceber o desporto como um contexto que pode ter efeitos benéficos ao nível da formação e, mais especificamente, integração/inclusão de crianças e jovens?

1.3 Fase de desenvolvimento: pré-adolescência/adolescência

O desenvolvimento humano é o resultado de variadas forças e factores, que jogam dinamicamente entre si. Este processo pode ser considerado como um jogo de orquestração entre percepções, cognições, afectos, atitudes, crenças, motivações, valores, conhecimentos (Eckhaus, 1996), essencialmente marcado pela realização de tarefas. Em qualquer fase da vida, uma das tarefas mais importantes a cumprir é o desenvolvimento sócio-emocional. O desenvolvimento social refere-se à aprendizagem e valorização da relação com os outros. O desenvolvimento emocional reporta-se aos sentimentos que vamos ganhando acerca de nós, das pessoas que nos são significativas e do mundo que nos rodeia (Bahia, Pereira & Monteiro, 2008). A criação de relações sociais é uma tarefa que contribui directamente para a adaptação e bem-estar pessoal e social. No período da adolescência, a integração num grupo de pares constitui uma tarefa essencial. A relação com os pares é basilar para o desenvolvimento de competências sócio-emocionais como a compreensão de si, a sensibilidade e a cooperação (Youniss, 1980). O grupo de pares é uma fonte de afecto, simpatia, compreensão e de orientação moral, um lugar de experimentação, um contexto que permite alcançar a autonomia e a independência dos pais. As amizades são baseadas na escolha e no compromisso, daí os adolescentes resolverem mais facilmente os conflitos com os amigos do que com os pais, pois sabem que tal pode custar-lhes uma amizade (Laursen, 1996). A intensidade e a importância das amizades é provavelmente maior na adolescência do que em qualquer outra fase da vida. Confiando na ajuda de um amigo, os jovens exploram os seus próprios sentimentos, definem a sua identidade e legitimam o seu valor pessoal (Papalia, Olds & Felman, 2001), reforçando assim o seu auto-conceito (Bahia, Pereira & Monteiro, 2008). A amizade proporciona um lugar seguro para partilhar opiniões, admitir os pontos fracos e conseguir apoio para lidar com os problemas (Papalia, Olds & Felman, 2001).

Também o desenvolvimento moral é uma tarefa importante, e inclui não só a capacidade para compreender as relações sociais mas o desejo de actuar de forma justa e segundo as regras de convivência social (Brustad & Parker, 2005).

Kohlberg (1984) definiu três níveis de desenvolvimento moral. No nível I (moralidade pré-convencional) os sujeitos obedecem às regras para evitar castigos ou para serem recompensados (típico em crianças dos 4 aos 10 anos). No nível II (moralidade convencional) as pessoas interiorizam os padrões das figuras de autoridade, preocupando-se em agradar aos outros e manter a ordem social (nível geralmente atingido após os 10 anos; algumas pessoas, na idade adulta, não passam deste estágio). No último nível, o nível III (moralidade pós-convencional) as pessoas têm noção do que é certo e errado, justo e injusto (usualmente não se atinge este nível antes do início da adolescência). A maioria dos adolescentes está no nível II, sendo pouco frequentes as pessoas atingirem o terceiro nível de Kohlberg (Papalia, Olds & Feldman, 2001).

De uma maneira geral, aos 11/12 anos, a criança desenvolve uma consciência mais clara de si, dos outros e do que a rodeia, o que lhe permite compreender conceitos e factos complexos, “colocar-se no lugar do outro” e agir de acordo com o que esperam dela. Já não se encontra a viver a fase do egocentrismo infantil, acede ao raciocínio lógico e reversível e possui a capacidade de antecipar transformações sobre os objectos e consequências de situações. “O que acontece se...?” é a questão que distingue o pensamento do pré-adolescente (Papalia, Olds & Feldman, 2001). Começa a atribuir o sucesso às suas competências pessoais, o que lhe dá mais vontade de aprender. A consciência de si e das suas características possibilita dispor de um conjunto de estratégias adaptativas para regular e monitorizar a atenção e memória, a aprendizagem, a resolução de problemas e as emoções. Compreende que os actos podem ter diferentes consequências e gere situações sociais a partir da sua perspectiva (Bahia, 2010).

Aos 13/14 anos dão-se mudanças ao nível físico, cognitivo, emocional e social, e procura-se a independência, existindo uma oscilação entre a segurança sentida pela criança e a autonomia adulta. Já não se é criança mas também ainda não se é, nem se quer ser, adulto. Segundo Piaget, o adolescente encontra-se no estágio das operações formais, que inclui características como a formulação de hipóteses, a planificação, a sistematização e a abstracção. O adolescente possui a capacidade de pensar em termos abstractos sobre tudo, contudo, torna-se egocêntrico pois é a sua pessoa o principal alvo de reflexão e preocupação. Este egocentrismo caracteriza-se, entre outros aspectos, por encontrar falhas nas figuras de autoridade, apresentar demasiados argumentos face ao seu ponto de vista, indecisão (mesmo sobre coisas simples, como ir ao cinema com os amigos ou ir fazer um trabalho escolar), hipocrisia entre o ideal e o real (muitas vezes não conhecem a diferença entre ter um ideal e actuar de acordo com ele). Ao nível

pessoal, o adolescente possui um sentido mais coerente de si e procura aprofundar temas e questões que lhe interessam e que o preocupam relativamente ao mundo em que vive. As mudanças físicas e o modo como se percebe a si e como os outros o vêem, é uma das preocupações desta fase. O adolescente experimenta ainda diferentes papéis para responder às grandes questões da identidade pessoal: quem é, o que é e para onde vai (Bahia, 2010; Papalia, Olds & Felman, 2001). Segundo Erikson (1994), o estágio de desenvolvimento que caracteriza a adolescência é *identidade vs confusão da identidade*, ou seja, o adolescente pretende encaixar nalgum papel da sociedade mas essa preocupação pode levar a uma confusão de identidade.

O cumprimento das várias tarefas referidas depende de um conjunto de factores de protecção que determinam de igual modo a capacidade de resiliência, ou seja, a capacidade de enfrentar possíveis obstáculos, tornando o sujeito mais resistente (Rutter, 1987). Mas também os factores de risco, como a delinquência, consumo de drogas, actividade sexual precoce, entre outros (Papalia, Olds & Felman, 2001), são influenciadores ao nível individual, familiar, escolar e organizacional. As competências sociais, a capacidade de resolução de problemas, o auto-conceito, as expectativas positivas sobre o futuro, a vinculação com pessoas significativas, o envolvimento relacional, a crença no esforço e empenho, a definição de regras e padrões, a segurança e o apoio são factores que desempenham um papel essencial na capacidade de resiliência (Kirby & Fraser, 1997).

Os contextos que fazem parte do quotidiano da criança/adolescente proporcionam oportunidades para o desenvolvimento de factores de protecção. A criança/ jovem usufrui de oportunidades educativas que lhe permite desenvolver um conjunto de competências para se adaptar às diversas situações que poderá experienciar no futuro. Algumas das finalidades dos contextos educativos formais, informais e não formais são que os jovens tenham uma percepção positiva acerca de si, que consigam atingir os seus objectivos, o estabelecimento de relações próximas e construtivas com os outros, tirando assim prazer da vida (Papalia, Olds & Feldman, 2001).

1.4 Questões de investigação

Após o enquadramento teórico apresentado, as questões de investigação que se levantam são as seguintes: a) Quais os factores promotores da interculturalidade num grupo desportivo? b) Quais as crenças dos treinadores que valorizam a interculturalidade? c) Quais as atitudes e práticas dentro de campo promotoras da convivência em grupo?

Capítulo II. Metodologia

Este capítulo apresenta e descreve a metodologia utilizada na investigação, encontrando-se dividida em três pontos essenciais: população, instrumentos utilizados e procedimentos.

2.1 População:

O presente estudo foi realizado com uma população específica, a Escolinha de Rugby da Galiza. A Escolinha de Rugby da Galiza (ERG), da Santa Casa da Misericórdia de Cascais, nasceu no dia 30 de Setembro de 2006 e surge ligada ao projecto desportivo do ATL da Galiza. Pretende, através da prática do *rugby*, consolidar um espaço de intervenção comunitária, desenvolvido para a formação humana e desportiva de cerca de 100 crianças/adolescentes, com idades entre os 5 e os 15 anos. Oriundos maioritariamente do bairro do “Fim do Mundo”, os atletas representam uma diversidade cultural e étnica muito rica, o que constituiu o principal motivo da escolha deste contexto. Por outro lado, o *rugby* é um desporto propício à valorização da diferença pois cada membro da equipa desempenha um papel muito específico, independentemente das suas características físicas. Por exemplo, jogadores que assumem a posição “pilar” têm necessariamente de ter um peso acima da média enquanto que um jogador na posição “ponta” pode ter uma altura muito abaixo da média, o que valoriza a diversidade física (Morais, 2006).

A ERG é constituída por cinco escalões (Megabambis, Sub-8, Sub-10, Sub-12 e Sub-14), optando pelo foco nos escalões de Sub 12 e Sub 14 que integram jovens dos 10 aos 14 anos. A preferência por esta faixa etária deveu-se à complexidade que é o período da adolescência e, nomeadamente, ser uma fase em que o grupo tem uma importância particular (e.g. Papalia, Olds & Felman, 2001).

Ambas as equipas são constituídas por 20 jogadores. A equipa de Sub-12 inclui elementos dos 10 aos 11 anos, de nacionalidade portuguesa, brasileira, romena e guineense. A equipa de Sub-14 tem elementos com idades compreendidas entre os 12 e os 14 anos cujas nacionalidades variam entre a nacionalidade portuguesa, brasileira, romena, russa, guineense e cabo verdeana

2.2 Instrumentos:

Foram utilizados três instrumentos de recolha de dados, de índole qualitativa. O primeiro instrumento aplicado tratou-se de uma *checklist* (anexo 1a), adaptada de Bahia & Janeiro (2008), cujo propósito foi recolher informações de um modo holístico acerca dos jogadores, através do método de observação. Como refere Morrison (1973, citado em Denzin & Lincoln, 1994), este método consiste no “acto de registar um fenómeno, juntamente com outros instrumentos, para fins científicos ou outros propósitos”. A observação permite-nos conhecer e interpretar os comportamentos, atitudes e reacções dos outros, algo impossível de ter acesso, por exemplo, através de um questionário. A observação qualitativa é naturalista na sua essência; ocorre no contexto natural, com os actores que participam nele, e que seguem o rumo do dia-a-dia (Denzin & Lincoln, 1994). O papel da investigadora não foi observadora participante pois não manipulou nem estimulou o objecto de estudo, seguiu o percurso natural dos acontecimentos. Os comportamentos e interacção dos jogadores fluíram de igual modo como se a observadora não estivesse presente.

A *checklist* incluiu cinco tópicos referentes a diferentes níveis de desenvolvimento: nível cognitivo (compreensão das regras da modalidade, compreensão das instruções dadas - pelo treinador, facilidade na resolução dos exercícios, presença de competências de comunicação); nível motivacional (envolvimento na tarefa, atenção/concentração em contexto de treino); nível afectivo (expressão de emoções, sensibilidade à crítica, (in)existência de comportamentos de proximidade/agressividade para com os colegas e treinador); nível social (presença de competências sociais, (in)existência de cooperação/colaboração entre os elementos da equipa, tendência para a constituição de pequenos grupos consoante a cultura); e nível moral ((in)existência de atitudes reveladoras de preocupação/solidariedade entre os jogadores).

O segundo instrumento utilizado foi a entrevista semi-estruturada. A entrevista semi-estruturada caracteriza-se pela utilização de uma lista de tópicos/questões ordenados, de resposta aberta, o guião de entrevista (anexos 2a, 2b, 2c, 2d), e tem como principal objectivo a obtenção de dados comparáveis entre os vários sujeitos. A utilização desta técnica qualitativa tem diversas vantagens: o seu estilo aberto permite a aquisição de uma grande riqueza informativa; permite ao investigador oportunidades de clarificação e acompanhamento das perguntas e respostas, num tipo de relação mais personalizado, flexível e espontâneo; face à técnica de observação, apresenta uma maior eficácia no acesso a informações mais delicadas (Moreira, 2007). Segundo Ghiglione e

Matalon (2001), a entrevista é uma técnica privilegiada de recolha de dados, que possibilita um encontro entre duas pessoas, para se obterem informações a respeito de determinado assunto, numa “conversa que tem em vista um objectivo”. Para Amado (2000), a entrevista é “uma técnica que permite ter “acesso” ao que está na cabeça das pessoas, ao não observável: opiniões, atitudes, representações, recordações, afectos, intenções, etc.”

Os sujeitos entrevistados foram o coordenador de *rugby*, os treinadores das equipas de Sub-12 e Sub-14, ambos os capitães de equipa, e seis jogadores (três da equipa de Sub-12 e três da equipa de Sub-14). A escolha dos participantes deveu-se à saliência do seu papel nas equipas: o coordenador da modalidade na instituição, os treinadores e os capitães de equipa. Para enriquecimento do trabalho foram entrevistados alguns dos jogadores, uma pequena amostra pois, devido a questões logísticas (como o tempo dispendido na aplicação do instrumento e interpretação dos resultados), não foi possível entrevistar os 40 jogadores.

A entrevista ao coordenador de *rugby* teve como objectivos gerais: compreender até que ponto as diferenças culturais são percebidas como uma prioridade do contexto, conhecer a sua perspectiva relativamente ao nível motivacional, cognitivo, afectivo, social e moral dos jogadores, e compreender qual a sua atitude face à interculturalidade no desporto. A entrevista aos treinadores teve os mesmos objectivos, tendo sido acrescentado um: entender que estratégias utilizam para contornar os obstáculos mais frequentes com que se deparam. O guião de entrevista aos capitães incluiu os seguintes objectivos: compreender qual a perspectiva do entrevistado perante o facto de a equipa de rugby integrar diferentes culturas, compreender como considera que ele e os colegas de equipa se encontram ao nível motivacional, cognitivo, afectivo, social e moral, e conhecer a sua atitude enquanto capitães de equipa. Por último, os objectivos da entrevista aos seis jogadores de ambas as equipas equiparam-se aos do guião destinado aos capitães: compreender qual a perspectiva do entrevistado perante o facto de a equipa integrar diferentes culturas, compreender como considera que ele e os colegas se encontram nos diferentes níveis de desenvolvimento mencionados, e conhecer a sua atitude enquanto praticantes da modalidade de *rugby*.

Para complemento e confirmação das informações obtidas, foi ainda aplicada uma *checklist* (anexo 4a) ao coordenador do *rugby*, que possui o conhecimento geral do contexto, das equipas e respectivos jogadores. Numa escala de 1 a 3, sendo 1=Pouco, 2=Moderado e 3=Muito, o coordenador teve de assinalar com um “X” os 10 tópicos

referentes a se os membros das equipas são participativos, gostam de realizar tarefas em grupo, sabem comportar-se adequadamente na realização de exercícios de grupo, cumprem as regras básicas de convivência social (pedir desculpa, agradecer...), aceitam e respeitam as decisões e opiniões do grupo, cooperam com o grupo, sabem esperar pela sua vez de participar no exercício, conseguem colaborar numa actividade sem supervisão, evidenciam algumas atitudes individualistas, demonstram maior empenho nas actividades que têm que realizar sozinhos. Esta *checklist* foi construída pela investigadora após a pesquisa bibliográfica e teve como principal objectivo compreender e confirmar se o desporto é um meio promotor da interculturalidade.

2.3 Procedimentos:

A autorização da instituição para a realização do estudo foi dada em Janeiro de 2010, sendo a recolha de dados realizada entre os meses de Fevereiro e Junho do mesmo ano. A primeira fase do trabalho consistiu na integração da investigadora no local, para um melhor conhecimento do contexto e dos seus intervenientes. Deste modo, a investigadora dirigiu-se diversas vezes ao ATL da Galiza, onde as crianças e jovens se encontram após sair da escola e antes do início dos treinos. Posteriormente, começou a assistir aos treinos das equipas de Sub-12 e Sub-14. Este momento inicial serviu não só para o conhecimento da instituição e das crianças/jovens que a integram, mas também para eles se habituarem à sua presença, sobretudo na assistência aos treinos.

Após a fase de integração, a investigadora passou a ter um papel de observadora mais activo, no sentido em que, a partir da *checklist* já mencionada, começou a registar os comportamentos, atitudes e outros aspectos relevantes dos atletas em contexto de treino. O registo foi efectivado em três dos treinos a que assistiu, sendo importante salientar que nestes treinos as equipas de Sub-12 e Sub-14 treinaram conjuntamente. Este treino é realizado uma vez por semana numa escola da localidade, daí integrar ambas as equipas.

Posteriormente foi iniciado o processo de realização de entrevistas semi-estruturadas ao coordenador do *rugby*, aos treinadores das equipas de Sub-12 e Sub-14, a ambos os capitães de equipa, e a seis jogadores (três pertencentes à equipa de Sub-12 e três da equipa de Sub-14). Por fim, aplicou-se a *checklist*, também já descrita, ao coordenador da modalidade desportiva, como um método de complemento ao método de observação e à entrevista semi-estruturada.

Capítulo III. Apresentação e Análise dos Resultados

Neste capítulo são apresentados os principais resultados da aplicação dos três instrumentos metodológicos referidos. São ainda interpretados à luz das questões de investigação definidas.

a) Dados obtidos através do método de observação:

Nos três treinos observados e em que foram realizados registos, as informações obtidas foram congruentes nos três momentos. Ao nível cognitivo, os jogadores parecem compreender as regras da modalidade; quanto às instruções dadas pelos treinadores, nem sempre são entendidas na primeira transmissão, por vezes é necessária a repetição. Contudo, após a reprodução e/ou a demonstração do treinador, os jogadores parecem compreender as instruções. Relativamente à resolução dos exercícios, todos os jogadores o fazem, mesmo que inicialmente não o compreendam (o que requer a repetição ou demonstração por parte do treinador); os jogadores evidenciam competências de comunicação, que se denota na forma como a equipa comunica entre si, por exemplo, se um colega não compreende o exercício, um dos jogadores explica-o de uma forma paciente e não intolerante.

No que concerne ao nível motivacional, concretamente, no envolvimento na tarefa, só em um dos três treinos pude denotar alguma falta de envolvimento, por exemplo, alguns elementos sentaram-se diversas vezes ao longo do treino. Mas o nível de envolvimento não é similar em todos os jogadores. Um exemplo que evidencia um elevado grau de envolvimento na tarefa é a reflexão acerca de um exercício solicitado pelo treinador e a criação de novas ideias para a resolução do mesmo, por parte dos jogadores. Ocorreu outra situação em que um jogador disse para um colega “está atento” e a resposta do colega foi “vê lá se não vou fazer bem!”. Isto denota que um dos objectivos parece ser o melhor desempenho e sucesso possíveis. Quanto à atenção/concentração, não é possível afirmar que sejam sempre elevadas mas também não parecem estar ausentes, daí a referência a estes processos, em contexto de treino, como medianos. Sobretudo nos “tempos mortos”, de mudança de exercício, parece haver uma certa desconcentração, mas na realização do exercício o grau de atenção/concentração pareceu satisfatório.

Relativamente ao nível afectivo, o contexto parece ser facilitador da expressão de emoções pois foi possível observar a exteriorização de alegria e orgulho, bem como de raiva e frustração (ao não conseguir atingir o objectivo de um exercício, por exemplo). Em dois dos treinos observados, constatou-se duas situações de sensibilidade à crítica. Um jogador perdeu e ficou “amuado”, vestiu-se e saiu do campo; o treinador chamou-o e ele regressou ao jogo. Contudo, mais tarde respondeu de forma incorrecta e virou costas ao treinador, e este mandou-o sentar-se e disse-lhe que não jogaria tão cedo. O jogador vestiu-se novamente e foi embora de vez. Na segunda situação, um atleta ficou “amuado” após uma crítica feita pelo treinador, dizendo “barafustam sempre comigo!”. Em relação à (in)existência de comportamentos de proximidade/agressividade perante o treinador e colegas, foi possível denotar alguns comportamentos de agressividade relativamente ao treinador (comportamento verbal inadequado), posterior a críticas feitas por este. Houve também uma pequena discussão entre dois jogadores pois cada um dizia que era a sua vez de participar no exercício. Mas foi momentânea, não houve mais ocorrências entre estes dois jogadores, e num dos treinos só observei comportamentos de proximidade, por exemplo, alguns jogadores estavam a brincar com a bola, depois de o treinador já lhes ter dito para não o fazerem, e um colega disse “parem com isso!”. E após uma pausa para beberem água, o treinador disse para se juntarem no meio do campo e um jogador disse para os outros “rápido!”. Estas duas situações denotam um comportamento de proximidade para com o treinador.

Ao nível social, os elementos da equipa demonstram possuir competências sociais, patenteadas nas relações interpessoais e na sua atitude em contexto de treino. Os jogadores parecem possuir, por exemplo, competências de resolução de problemas e auto-controlo. O grupo parece ser bastante unido, tendo sido evidenciadas, nos três treinos, atitudes de cooperação/colaboração. Quanto ao tipo de parcerias e pequenos grupos criados, quando o exercício assim o exige, não se evidencia uma tendência para serem constituídos segundo a cultura dos jogadores. Nos três treinos as parcerias e constituição de pequenos grupos foram variados, ou seja, integraram jogadores de diferentes culturas.

Em relação ao nível moral, foi observada a existência de atitudes de preocupação e solidariedade para com o outro. No início do primeiro treino observado, quando o treinador lhes pediu para correrem à volta do campo, como exercício de aquecimento, um jogador disse para os outros correrem mais devagar pois um deles estava lesionado e corria mais lentamente. No segundo treino, um atleta magoou-se na realização de um

exercício em grupo e outro colega foi ver se ele estava bem. No final desse treino tiveram todos que correr ao longo do campo de modo a fazer uma linha, em que os jogadores mais rápidos tinham que respeitar o ritmo dos jogadores mais lentos e estes últimos dar o seu máximo para tentar alcançar os colegas mais rápidos. O objectivo era simples, formar uma linha enquanto corriam, e foram os jogadores mais rápidos que demonstraram uma maior preocupação com os mais lentos, correndo portanto mais devagar. No terceiro treino, dois jogadores estavam a discutir e outro colega disse “parem com isso!”.

b) Dados obtidos através da aplicação da *checklist* ao coordenador do Rugby:

Na *checklist* construída, o coordenador teve de classificar os 10 tópicos numa escala de 0 a 3. O número 3 da escala (Muito) obteve 60% das respostas, o número 2 (Moderado) obteve 40% e o coordenador não classificou nenhum dos tópicos com o número 1 da escala (Pouco). Classificados com “Muito” foram os tópicos 1, 2, 3, 4, 5 e 6 (os membros da equipa são participativos, gostam de realizar tarefas em grupo, sabem comportar-se adequadamente na realização de exercícios de grupo, cumprem as regras básicas de convivência social, aceitam e respeitam as decisões e opiniões do grupo, cooperam com o grupo), e classificados com “Moderado” foram os tópicos 7, 8, 9 e 10 (os membros da equipa sabem esperar pela sua vez de participar no exercício, conseguem colaborar numa actividade sem supervisão, evidenciam algumas atitudes individualistas, demonstram maior empenho nas actividades que têm que realizar sozinhos).

c) Dados obtidos através da entrevista:

Os resultados auferidos através da realização de 11 entrevistas semi-estruturas são apresentados nos quadros 1 e 2.

Quadro 1: Apresentação dos resultados das entrevistas realizadas ao coordenador do rugby e aos treinadores das equipas de Sub-12 e Sub-14

		Coordenador do Rugby	Treinadores
Percepção face à interculturalidade da equipa	<p>1. Tempo de experiência/Apreciação da experiência</p> <p>2. Diferenças entre a ERG e outras equipas</p>	<p>1. 4 anos. “Tem sido claramente uma experiência muito enriquecedora (...), tem sido uma aprendizagem constante. (...) Acho que desenvolvemos um trabalho de qualidade acessível a todos, porque a principal missão da Escolinha é de servir a comunidade (...)”.</p> <p>2. “É claramente a maior preocupação em termos a criança como um todo. Aqui procuramos saber que ele é jogador, que ele é estudante, que ele é filho, que ele é irmão, que ele é um membro integrante da sociedade.”</p>	<p>1. 4 anos. “Tem sido ótimo! Também ainda não tive a oportunidade de treinar em mais nenhum clube mas aqui tenho-me sentido realizado!”.</p> <p>- Entre 2 a 3 anos. “Tem sido muito bom e muito gratificante, pelo que tenho aprendido, de facto pela exigência que eles me colocam, as atitudes e a forma como fazem as coisas, obviamente por serem de culturas diferentes e terem perspectivas diferentes do jogo.”</p> <p>2. “À partida são logo os miúdos, os próprios jogadores, que vêm de um meio desfavorecido, em que à partida este é um desporto onde a característica principal é serem miúdos oriundos de outras classes.”</p> <p>- “A ERG, mais do que um clube, é uma família. Usa o <i>rugby</i> não como objectivo final, mas como elemento de inserção social e de apoio para os miúdos.”</p>
Dimensões comportamentais	<p>3. Motivações para a prática desportiva</p> <p>4. Envolvimento na tarefa</p> <p>5. Atenção/Concentração</p> <p>6. Compreensão das regras</p> <p>7. Expressão de emoções</p> <p>8. Comportamentos de proximidade/agressividade</p> <p>9. Sensibilidade à crítica</p> <p>10. Cooperação (resultado da modalidade ou da relação entre os jogadores)</p> <p>11. Constituição de parcerias e pequenos grupos</p>	<p>3. “São os amigos. Depois para os manter, para os fidelizar, é tudo à volta, são os treinadores (...), os voluntários (...), os monitores de ATL.”.</p> <p>4. “É bom, é muito bom!”.</p> <p>5. “Isso aí é que já é outro problema! (...) muitas vezes, por falta de estímulos ou problemas familiares, ou problemas escolares (...). Mas eles vão fazendo as coisas que os treinadores vão pedindo e até têm feito aquisições técnicas boas e as condicionantes são muito grandes.”</p> <p>6. “Numa fase inicial têm sempre aquelas dificuldades mas depois eles próprios acabam por também ajudar a explicar as regras aos que chegam.”</p> <p>7. “Sim, a exprimir e a</p>	<p>3. “Acho que ao início, quando eles começam, eu penso que poderia ser um desporto qualquer que eles participariam. Depois quando percebem já a modalidade, quando percebem as regras, gostam e sentem-se úteis porque aqui as diferenças físicas, o ser gordo e ser alto, o se é magro ou se é baixo, são jogadores que todos são precisos e todos podem dar um contributo, portanto eles sentem-se bem. Acaba por haver um grande espírito de união.”</p> <p>- “Por um lado, acho que a maior parte deles gosta imenso de desporto (...). Acrescentando que a maior parte deles vive sob um ambiente difícil em casa, de grande stress, (...), o desporto é ótimo para uma pessoa libertar essa tensão.”</p> <p>4. “Depende um bocado por serem miúdos e muitos não tinham experiência desportiva. Mas eu tenho tentado ao máximo facilitar o meu trabalho explicando de forma clara e de forma sucinta o que é que eles têm que fazer.”</p> <p>- “Cada caso é um caso. Porque pela diferença, variedade racial e étnica,</p>

	<p>12. Atitude de preocupação/solidariedad e</p>	<p>descarregar emoções. (...) Pode ser a pessoa na sua essência, (...) fortalece as relações directas com os pares e com a autoridade que, neste caso, é a figura do treinador, possibilita a expressão de toda a sua energia boa e má em prol de um objectivo comum.”</p> <p>8. “Comportamentos de agressividade não digo que não aconteçam, é uma agressividade porque muitas das vezes os interesses são comuns e as personalidades são capazes de ser muito fortes que chocam e isso é que poderá despoletar um ou outro comportamento agressivo. Mas eles sabem que não é tolerado qualquer tipo de violência, não só física mas também verbal e psicológica. E os treinadores neste aspecto têm sido fundamentais.”</p> <p>10. “Deve-se às duas. De um lado temos um grupo de miúdos que vive junto num mesmo bairro ou estuda junto na mesma escola, mas depois temos outra vertente que ao escolhermos o <i>rugby</i> como modalidade, escolhemo-la também por ser uma modalidade colectiva.”</p> <p>12. “Sim! Isso há. (...) É um grupo que já tem as suas regras muito próprias, toda a gente já conhece as regras e está receptivo à entrada de outros elementos e, acima de tudo, procura ajudar sempre quem seja um elemento menos bom.”</p>	<p>cada um age de maneira diferente. É importante haver de tudo, e aprender que nessa diferença se consegue construir um todo muito mais rico que qualquer individual. Passam a envolver-se mais quando percebem isso e começam mais a dar o seu contributo em prol do colectivo.”</p> <p>5. “Os períodos em que estão concentrados são períodos muito pequenos de tempo. (...) É preciso arranjar constantemente formas para que eles fiquem atentos, para que fiquem motivados, para que consigam ouvir mas, à partida, são crianças que têm grandes défices de atenção.” - “No geral são muito distraídos, e acho que isso já vem da escola, muitos deles têm imensos problemas de concentração, isso reflecte-se nas notas.”</p> <p>6. “Eu acho que acaba mais por passar pelo funcionamento das próprias coisas porque por não estarem atentos, acabam por não perceberem o que é que têm que fazer.” - “No geral, há miúdos que têm capacidades enormes (físicas e intelectuais, culturais, interesse), mas que não são exploradas, porque não têm ninguém que os valorize e que os motive. Mais rápido as coisas correm mal por distração ou por falta de vontade, do que de facto por não perceberem a complexidade do jogo.”</p> <p>7. “Sim! (...) O que nós também tentamos fazer através do treino é que naquele período de treino eles não pensem e não tragam para o treino as coisas más e as fragilidades, e procurar que possa ser um tempo onde eles consigam aprender, onde consigam estar bem, onde consigam estar contentes e alegres. E tentar favorecer que esses sentimentos venham ao de cima.” - “O stress, imenso, no lidar com a agressividade, a frustração, angústia, problemas que muitas vezes não sabem de onde vêm. O <i>rugby</i> para estes miúdos é um ótimo instrumento para eles canalizarem muita da tensão que têm. Por outro lado, é muito interessante a criação de vínculos através do espírito de equipa.”</p> <p>8. “Depende! Como em tudo há uns</p>
--	--	---	--

		<p>que lidam melhor, há outros que lidam pior. Mas eu acho que aqui existem muitos jovens que têm uma auto-estima baixa, pela vida que têm, e acho que às vezes é difícil aceitar uma crítica, por muito construtiva que seja.”</p> <p>- “Varia de caso para caso... Nem sempre bem, porque não são pessoas habituadas a ouvir críticas. (...) Dentro deles têm insegurança e instabilidade. Ao falarmos de críticas e de elogios, podem existir reacções boas ou más.”</p> <p>9. “Há medida que o tempo passa, quer entre jogadores quer entre treinadores, há uma relação de maior proximidade, (...) mas enquanto que uma pessoa que tem uma vida mais normalizada consegue aguentar essa pressão, eles facilmente explodem.”</p> <p>- “Eles são miúdos que não têm uma grande educação em casa (desde a agressão física, verbal, respeito pelo outro). Na minha experiência, essas faltas de respeito diminuem brutalmente à medida que eles vão entrando para a Escolinha.”</p> <p>10. “Aqui há uma vantagem porque eles já se conhecem, à partida já têm relações de amizades estabelecidas. Os que não andam aqui facilmente se integram bem, e também, acho que a própria modalidade também apela à cooperação entre todos.”</p> <p>- Por ambos. E nós aqui fazemos a ponte do <i>rugby</i> para a vida real. Mais do que uma taça queremos olhar para os miúdos e ver que são uma equipa, atenuando os defeitos de cada um.”</p> <p>11. “Os grupos, normalmente, acabam por se constituir não tanto pelas igualdades culturais mas mais pelas relações que eles têm, porque facilmente se tornam amigos, quer seja de leste, quer seja africano, quer seja português.”</p> <p>- “Não. Eles cá não têm noção de diferenças raciais.”</p> <p>12. “Existe, existe! Às vezes ainda não é o desejado mas eu acho que existe. Também é um dos objectivos que está sempre inerente a este trabalho todo de treinos.”</p> <p>- “Muito. Uns mais que outros, obviamente, depende dos temperamentos, mas sim, há preocupação entre todos.”</p>
--	--	---

Estratégias	<p>13. Objectivos pessoais</p> <p>14. Diferenças entre a ERG e outros contextos</p> <p>15. Opinião acerca se o desporto favorece a interculturalidade</p>	<p>13. “Em primeiro lugar é continuar a dar o enquadramento desportivo à Escolinha e, eventualmente a longo prazo, tornarmo-nos uma referência no que toca ao desporto, no que toca à integração social. Os objectivos é que eles cresçam bem, que os treinadores estejam bem, que nós consigamos acima de tudo, ajudar! Também o que lhes é pedido, como eles sabem, não é para ganharem os jogos, (...) vamos para dar o nosso melhor, se ganharmos óptimo se perdermos, temos que trabalhar mais!</p> <p>14. “A ideia da Escolinha é com isto tudo complementar a escola; depois a questão do ATL, do apoio que dá à pós-escola, (...) para ajudá-los a ganharem competências que lhes permita a curto/médio prazo estarem aptos para abraçarem o mundo.”</p> <p>15. “Promove e facilita! Nós temos muitos casos de crianças e jovens que nos chegam e que ou são do Brasil, ou acabados de chegar da Roménia, Ucrânia, Rússia, por aí fora, Leste, Guiné. Portanto, tudo isto aqui funciona naturalmente, e aliás só pode funcionar assim, eles aceitam-se naturalmente, brincam, jogam, falam, convivem, tudo normal.”</p>	<p>13. “Acho que é importante continuar a formação pessoal para ser cada vez melhor, e nesse aspecto conseguir dar cada vez mais um maior contributo, como treinador aqui, não só para se tornarem melhores jogadores mas para se tornarem melhores pessoas” - “(...) usar o <i>rugby</i> para lhes passar valores, no tempo em que ainda são miúdos, e mais tarde, que sejam valores que lhes fiquem para a vida”</p> <p>14. “(...) no <i>rugby</i> acabam por partilhar o que não têm nas suas vidas que é uma luta em união, ou seja, há que atingir uns objectivos e para atingir esses objectivos têm que lutar todos, todos têm que dar o seu contributo e todos têm que estar dispostos a querer”. - “Famílias, dificuldades financeiras, as referências (...)”</p> <p>15. “Sim favorece, porque tal como eu disse, independentemente de onde vem, da pessoa que é, da sua constituição, das dificuldades que tem, acho que dentro de uma equipa não se faz a diferença, (...) acho que o desporto é um veículo muito importante na inclusão de pessoas com diversas culturas.” - “ (...) acho que o desporto une, (...) cá dentro somos mais parecidos do que à partida pensamos. Às vezes associamos os negros a pessoas coitadas, mas perceber isso é importante e ganhamos uma riqueza muito maior. Acima de tudo são diferenças que nos podem fazer crescer e tornar mais ricos.”</p>
--------------------	---	---	---

Quadro 2: Apresentação dos resultados das entrevistas realizadas aos capitães das equipas de Sub-12 e Sub-14 e aos seis jogadores (de ambas as equipas)

		Capitães de equipa	Jogadores
Percepção face à interculturalidade da equipa	<p>1. Tempo de experiência/Apreciação da experiência</p> <p>2. Diferenças entre a ERG e outras equipas</p> <p>3. Vantagens da interculturalidade da equipa</p>	<p>1. 1 ano. Gosta de jogar nesta equipa “Porque adoro <i>rugby</i>...tenho cá os meus amigos...o B. é bom treinador...”</p> <p>- 1 ano. “Tenho amigos, eles são divertidos e os treinadores são fixes”.</p> <p>2. “Nós temos mais atitude que as outras equipas (...). Aqui é para nos divertirmos”.</p> <p>- “A cor da pele...e as nacionalidades”.</p> <p>3. “Não é importante. É dar uma oportunidade a todos”.</p> <p>- “Reparam mais em nós”.</p>	<p>1. 3 anos. “(...) Gosto de jogar <i>rugby</i> e tenho amigos na equipa”.</p> <p>- 3 anos. “ (...) Gosto dos meus colegas e de jogar <i>rugby</i>. Já joguei futebol mas não tenho muito jeito e vim para o <i>rugby</i>, e prefiro”.</p> <p>- 3 anos. “Porque gosto de jogar <i>rugby</i>”.</p> <p>- 3 anos. “Porque tenho cá muitos amigos, gosto de <i>rugby</i> e da M. (directora)”</p> <p>- Desde o início de 2010. “Sim gosto muito. Porque é uma equipa unida, damo-nos todos bem”</p> <p>- 2 anos. “Gosto de jogar <i>rugby</i>, estar com os meus amigos...”</p> <p>2. “Umas são mais rápidas que outras...”</p> <p>- “Umas jogam melhor, outras pior...eu acho que nós jogamos bem”.</p> <p>- “(...) Acho que não queremos só ganhar, o importante também é participar”.</p> <p>- “Os treinadores. São mais fixes. (...) E aqui dizem-nos para, acima de tudo, nos divertirmos”</p> <p>- “A nossa atitude. Nós lutamos sempre mas não ficamos muito chateados se não ganharmos.”</p> <p>- “Quando perdemos não ficamos chateados como as outras equipas. Na altura ficamos um pouco desanimados mas depois passa e no próximo jogo damos sempre o nosso melhor.”</p> <p>3. “Porque alguns são mais rápidos que outros”.</p> <p>- “Acho que é igual”.</p> <p>- “Não sei, tanto faz”.</p> <p>- “Sim, porque tenho cá amigos romenos”</p> <p>- “Pode porque cada um pode dar as suas ideias consoante o que sabe”</p>

			<p>- “Eu acho que sim, há equipas que não gostam de pretos. Aqui todos gostam e se respeitam”</p>
Dimensões comportamentais	<p>4. Presença de motivação para a prática desportiva (do próprio e colegas)</p> <p>5. Atenção/ Concentração (treinos/escola)</p> <p>6. Contribuição da prática desportiva para as notas escolares</p> <p>7. Sensibilidade à crítica</p> <p>8. Existência de comportamentos de agressividades entre os elementos</p> <p>9. Atitude de preocupação/solidariedade</p>	<p>4. “Sim. Os meus colegas também”.</p> <p>- “Sim. Gostam todos de jogar”.</p> <p>5. “É fácil estar atento. É mais fácil no <i>rugby</i> porque é para divertir, para treinar, para aprender umas coisas que nós vamos usar no campo, e também coisas que aprendemos a usar na vida, e é mais divertido para nós.”</p> <p>- “Às vezes é, outras vezes não é... Às vezes não consigo estar atento porque alguém está a brincar e depois a equipa distrai-se... E depois não corre bem”; “Depende das disciplinas”.</p> <p>6. “Isso depende de cada pessoa. Se quer estudar vai estudar, eu prefiro fazer as duas coisas, estudar e treinar”.</p> <p>- “Sim”.</p> <p>7. “Bem! Mas alguns não, alguns respondem aos treinadores”.</p> <p>- “Levam a bem. E na vez seguinte fazem melhor”.</p> <p>8. “Somos uma equipa unida. Se há agressividade ou vai haver, sempre resolvemos o problema”.</p> <p>- Nós quase sempre somos unidos mas às vezes há discussões. Mas raramente acabam em confusão.</p> <p>9. “Preocupamo-nos uns com os outros. Somos como uma família”.</p> <p>- “No <i>rugby</i> temos de nos preocupar uns com os outros”.</p>	<p>4. “Sim. Os meus colegas também”.</p> <p>- “Sim. Acho que os meus colegas também gostam”.</p> <p>- “Sim. Os meus colegas também”.</p> <p>- “Sinto. Acho que todos estão motivados e gostam”</p> <p>- “Eu sinto. Acho que todos os meus colegas gostam de jogar”</p> <p>- “Sim. (Os colegas) acho que também”</p> <p>5. “É (mais fácil nos treinos), porque a escola é uma seca”.</p> <p>- “Não muito. É mais fácil na escola porque nos treinos às vezes brincamos e distraímos-nos”.</p> <p>- “Mais ou menos, eu brinco muito. É mais fácil nos treinos porque gosto mais”.</p> <p>- “Sim. É mais fácil nos treinos porque estamos mais activos”</p> <p>- “Às vezes não é, mas é mais fácil do que na escola porque é mais divertido”</p> <p>- “É. Sim, porque na escola estou mais lá fora”</p> <p>6. “Sim”.</p> <p>- “É preciso saber jogar <i>rugby</i> e saber estudar”.</p> <p>- “Não sei responder”.</p> <p>- “Acho que sim, aprendemos melhor, porque o <i>rugby</i> tem muitas regras”</p> <p>- “Sim”</p> <p>- “Talvez, não sei...”</p> <p>7. “Aceitam bem”.</p> <p>- “Há uns que não lidam muito bem, ficam um bocado chateados mas depois passa”.</p> <p>- “Oh eu às vezes fico chateado, mas passado um bocado já não estou”.</p> <p>- “Uns não lidam muito bem, mas também não ficam assim muito chateados. Eu não fico, tento da próxima vez fazer bem”</p> <p>- “Alguns não lidam bem, mas</p>

			<p>a maioria sim, e voltam a tentar”</p> <p>- “Às vezes fico chateado porque nem sempre a culpa é minha. E quando alguns colegas fazem críticas outros não aceitam”</p> <p>8. “Não me lembro de haver...”</p> <p>- “Já houve, mas estiveram de castigo e depois ficaram outra vez amigos”</p> <p>- “Às vezes chamam nomes quando alguém está a falar muito ou a brincar”</p> <p>- “Já houve. Mas ficou logo tudo bem”</p> <p>- “Já houve...Chamaram nomes.”</p> <p>- “Nalgumas vezes chamaram nomes e assim...Mas depois ficaram outra vez amigos.”</p> <p>9. “Sim, porque somos amigos.”</p> <p>- “Sim”</p> <p>- “Sim”</p> <p>- “Sim, somos uma equipa unida”</p> <p>- “Preocupamos”</p> <p>- “Sim”</p>
Estratégias	<p>10. De que forma fomenta o espírito de grupo</p> <p>11. Objectivos enquanto capitão/jogador</p>	<p>10. “No jogo tenho que comandar a equipa, nos treinos tenho que ajudar o treinador e comandá-los também, dizer o que está mal, que está bem, o que têm que melhorar”</p> <p>- “Vou separar os colegas quando há conflitos, digo para eles não discutirem, e na parte prática digo para fazerem a “Linha” (exercício que exige a cooperação em equipa). Quando olho para as outras equipas explico aos meus colegas onde é que os outros são piores e melhores...”</p> <p>11. “Ser jogador de <i>rugby</i> profissional, como todos! Quero que a equipa chegue ao topo, de uma forma divertida”</p> <p>- “Manter um bom ambiente de equipa, fazer com os colegas se sintam bem na equipa, ajudar o treinador a arrumar o material...é isso!”</p>	<p>10. “Dar-me bem com os meus colegas, na escola também estar com eles...”</p> <p>- “Estar atento e não lutar”</p> <p>- “Passo a bola e tento jogar bem”</p> <p>- “Ajudo sempre a equipa a dar o seu melhor”</p> <p>- “Dizer aos meus colegas para se darem bem e apoiá-los.”</p> <p>- “Dou o meu melhor e trabalho em equipa”</p> <p>11. “Ser bom jogador e jogar em equipa”</p> <p>- “Jogar bem e dar o máximo”</p> <p>- “Tentar jogar cada vez melhor”</p> <p>- “Jogar bem e ajudar a equipa”</p> <p>- “Saber jogar melhor e dar-me bem com todos.”</p> <p>- “Ser um bom jogador”</p>

d) Interpretação à luz das questões de investigação:

Numa primeira fase é útil fazer um enquadramento com os estádios de construção da identidade cultural de Banks (2001), procurando indicadores do estádio em que se encontra cada entrevistado, para uma melhor compreensão dos resultados. Nenhum parece situar-se no estádio 1 “cativeiro psicológico cultural” ou no estádio 2 “encapsulação cultural”. O coordenador do *rugby*, bem como ambos os treinadores, revelam indicadores do estádio 6 “globalismo e competência global”, ou seja, possuem a capacidade para funcionar com outras culturas, interiorizando os valores e princípios éticos universais. O coordenador refere “ (...) aqui esta interculturalidade é muito boa (...), e acabamos por ter aqui um núcleo do mundo tão pertinho, e tão rico e tão vasto, que é fantástico!”. O treinador da equipa de Sub-14 afirmou “(...) acho que dentro de uma equipa não se faz a diferença, não se deve fazer a diferença da pessoa. Cada caso deve ser individual mas deve ser olhado como um grupo e, independentemente dessas tais diferenças, esse indivíduo deve inserir-se num grupo”. Já o treinador da equipa de Sub-12 disse que “a Escolinha de Rugby, mais do que um clube, é uma família”, “É importante haver de tudo, e aprender que nessa diferença se consegue construir um todo muito mais rico que qualquer individual”, “Acima de tudo são as diferenças que nos podem fazer crescer e tornar mais ricos”.

O capitão da equipa de Sub-14 parece situar-se no estádio 3 “clarificação da identidade cultural”, compreendendo atitudes pessoais e identidades culturais, desenvolvendo assim uma resposta positiva à diferença. Quando questionado acerca se o facto de a equipa integrar jogadores de diferentes culturas pode ser uma vantagem, a sua resposta foi “Não é importante. É dar uma oportunidade a todos”. Esta resposta reflecte que o entrevistado considera que todos os sujeitos, independentemente da sua cultura, devem ter as mesmas possibilidades, não fazendo distinções discriminatórias. O capitão da equipa de Sub-12 profere algumas afirmações que se poderiam enquadrar no estádio 5 “multiculturalismo”, onde o indivíduo funciona, compreende, aprecia e partilha valores, símbolos e instituições de diversas culturas, características evidenciadas na sua resposta quando questionado acerca das diferenças entre a ERG e outras equipas (“A cor da pele...e as nacionalidades”), e quando mencionou que o facto

de a equipa integrar jogadores de diferentes culturas é uma vantagem porque “reparam mais em nós” e “conhecemos melhor os outros países também...”.

Quanto aos seis jogadores entrevistados, de ambas as equipas, possuem características de diferentes estádios, encontrando-se na sua maioria no estádio 3 ou no estádio 5. Os jogadores da equipa de Sub-12 parecem possuir particularidades do estádio 3 “clarificação da identidade cultural”. Um dos jogadores refere que é uma vantagem a equipa integrar jovens de diferentes grupos culturais pois “alguns são mais rápidos que outros” (resposta positiva à diferença). Os outros dois jogadores respondem de modo similar à mesma questão (“Acho que é igual”; “Não sei, tanto faz”), o que denota que aceitam as diferentes identidades culturais, inclusive a sua.

Dois dos jogadores da equipa de Sub-14 parecem apresentar características mistas do estádio 3 e 4, situando-se portanto na passagem da “clarificação da identidade cultural” para o “biculturalismo”, pois as suas respostas à questão “Pensas que o facto de a equipa integrar jogadores de diferentes culturas pode ser uma vantagem?”, foram as seguintes: “Sim, porque tenho cá amigos romenos”/“Acho que sim, há equipas que não gostam de pretos. Aqui todos gostam e se respeitam”. Estas duas respostas demonstram uma auto-aceitação cultural e, simultaneamente, uma necessidade de participar com sucesso no grupo maioritário. O outro jogador evidencia especificidades do estádio 5 “multiculturalismo” pois a sua resposta à questão referida foi “Pode porque cada um pode dar as suas ideias consoante o que sabe”, o que mostra que compreende, assume e aceita as particularidades de diversas culturas.

Questão 1: Quais os factores promotores da interculturalidade num grupo desportivo? Segundo o que foi observado e transmitido pelos entrevistados, o desporto apela à cooperação/colaboração (“É um grupo que está receptivo à entrada de outros elementos e, acima de tudo, procura ajudar sempre quem seja um elemento menos bom”), respeito pelo outro (“Somos uma equipa unida. Se há agressividade ou vai haver, sempre resolvemos o problema”; “Aqui todos gostam e se respeitam”), ao estabelecimento de relações significativas (“(...) tenho cá muitos amigos...”), à união (“(...) é uma equipa unida, damo-nos todos bem”), à preocupação/solidariedade entre os sujeitos (“Preocupamo-nos uns com os outros. Somos como uma família”). Em contexto de treino, os jogadores demonstraram possuir competências sociais e competências comunicacionais, comportamentos de proximidade para com os colegas e treinador, e

mesmo na ocorrência de comportamento inadequados (como discussões verbais), a situação foi resolvida e ultrapassada no momento, evidenciando assim a capacidade de resolução de problemas e a união do grupo. Esta convivência em grupo, sucedida nos treinos, parece favorecer a criação de variáveis essenciais para a vida em sociedade. De uma forma geral, os jogadores, segundo o coordenador, são participativos, gostam de realizar tarefas em grupo, sabem comportar-se adequadamente na realização de exercícios de grupo, cumprem as regras básicas de convivência social (pedir desculpa, agradecer...), aceitam e respeitam as decisões e opiniões do grupo, cooperam com o grupo. Todas estas variáveis são fulcrais para que exista interculturalidade.

Questão 2: Quais as crenças dos treinadores que valorizam a interculturalidade? Os treinadores, tal como o coordenador, valorizam o facto de a ERG integrar pessoas de diversas culturas (“Acima de tudo são as diferenças que nos podem fazer crescer e tornar mais ricos”). É referido que, na sua opinião, uma das principais razões que faz com que os jogadores pratiquem *rugby* e gostem de pertencer à equipa deve-se à relação estabelecida entre eles e entre eles e os treinadores (“(...) é muito interessante a criação de vínculos através do espírito de equipa”; “Há medida que o tempo passa, quer entre jogadores quer entre treinadores, há uma relação de maior proximidade”). Os treinadores e coordenador mencionaram que um dos problemas é a ausência de atenção/concentração dos jovens em contexto de treino “muitas vezes, por falta de estímulos ou problemas familiares, ou problemas escolares”, mas que, mesmo com essa condicionante, “têm feito aquisições técnicas boas”. Foi referido ainda que “existem muitos jovens que têm uma auto-estima baixa, “dentro deles têm insegurança e instabilidade”. E como mencionou o treinador da equipa de Sub-12, “há miúdos que têm capacidades enormes (físicas e intelectuais, culturais, interesse), mas que não são exploradas, porque não têm ninguém que os valorize e que os motive”. No entanto, neste contexto desportivo, “as diferenças físicas, o ser gordo e ser alto, o se é magro ou se é baixo, são jogadores que todos são precisos e todos podem dar um contributo, portanto eles sentem-se bem”.

Os treinadores e coordenador consideram que o desporto é um meio facilitador da expressão de emoções (“O *rugby* para estes miúdos é um óptimo instrumento para eles canalizarem muita da tensão que têm”), e permite que se possa “ser a pessoa na sua essência, (...) fortalece as relações directas com os pares e com a autoridade que, neste caso, é a figura do treinador”. Acreditam ainda que o desporto favorece a

interculturalidade, afirmando que “nós temos muitos casos de crianças e jovens que nos chegam e que ou são do Brasil, ou acabados de chegar da Roménia, Ucrânia, Rússia, por aí fora, Leste, Guiné, (...) tudo isto aqui funciona naturalmente (...)”; “acho que o desporto é um veículo muito importante na inclusão de pessoas com diversas culturas”; “ (...) acho que o desporto une, (...) cá dentro somos mais parecidos do que à partida pensamos”.

É possível denotar que as crenças dos treinadores (e coordenador do Rugby) parecem ser maioritariamente positivas e valorizadoras da interculturalidade do contexto, como esperado pelas características que demonstram possuir do estágio 6 “globalismo e competência global” de Banks (2001).

Questão 3: Quais as atitudes e práticas dentro de campo promotoras da convivência em grupo? Como é referido por um dos treinadores, “ A ERG (...) usa o *rugby* não como objectivo final, mas como elemento de inserção social”. E segundo o coordenador, existe uma “preocupação em vermos a criança como um todo. Aqui procuramos saber que ele é jogador, que ele é estudante, que ele é filho, que ele é irmão, que ele é um membro integrante da sociedade”. Pelo que foi possível constatar, as atitudes e práticas desenvolvidas em contexto de treino apelam essencialmente ao bem-estar e desenvolvimento dos jovens jogadores (“O que nós também tentamos fazer através do treino é que naquele período de treino (...), eles consigam estar bem, onde consigam estar contentes e alegres”). Os treinadores permitem que o treino seja um meio onde os jogadores possam expressar variadas emoções, mas “eles sabem que não é tolerado qualquer tipo de violência, não só física mas também verbal e psicológica” e as “faltas de respeito diminuem brutalmente à medida que eles vão entrando para a Escolinha”. Uma atitude presente na ERG, que se reflecte na prática, é a desvalorização da vitória e a compreensão da importância em participar (“Nós lutamos sempre mas não ficamos muito chateados se não ganharmos”; “Acho que não queremos só ganhar, o importante também é participar; “E aqui dizem-nos para, acima de tudo, nos divertirmos”). Um dos outros objectivos inerentes ao trabalho dos treinadores é que haja uma atitude de solidariedade, “preocupação entre todos”. Pretendem “usar o *rugby* para lhes passar valores”, “não só para se tornarem melhores jogadores mas para se tornarem melhores pessoas”. Como refere o coordenador, “a ideia da Escolinha é com isto tudo complementar a escola, (...) ajudá-los a ganharem competências que lhes permita a curto/médio prazo estarem aptos para abraçarem o mundo”.

As atitudes e práticas, tanto das figuras de autoridade (treinadores e coordenador), como dos próprios jogadores, parecem promover a interação e convivência em grupo e, conseqüentemente, a interculturalidade.

Conclusões

O presente estudo pretendeu perceber de que forma a prática de uma modalidade desportiva colectiva pode colmatar alguns dos problemas de integração de jovens de diferentes origens culturais. Mais concretamente, procurou-se conhecer e compreender que factores promovem a interculturalidade numa equipa desportiva, e que crenças, atitudes e práticas favorecem esse processo, com o intuito de encontrar estratégias educativas que possam ser utilizadas no domínio da Psicologia Educacional em contextos de educação formal e não-formal. A análise de factores promotores da interculturalidade num grupo desportivo permite uma maior consciencialização dos possíveis caminhos a percorrer pela expansão dos contextos de intervenção da Psicologia Educacional, e que em última análise permitem a promoção do desenvolvimento humano.

De uma forma geral, os dados mostraram a presença de factores promotores da interculturalidade no contexto desportivo, que podem ser divididos na aquisição de competências interpessoais e sócio-morais, em particular, a demonstração de atitudes colaborativas/cooperativas, o respeito pelo outro, o estabelecimento de relações positivas, a resolução de problemas, o auto-controlo, a presença de atitudes e de comportamentos essenciais para a convivência social, em todos os intervenientes da prática do *rugby*. As crenças dos treinadores de ambas as equipas em questão (equipa de Sub-12 e equipa de Sub-14), bem como do coordenador da modalidade na instituição, demonstram ser promotoras da interculturalidade, contrariando a tendência real e actual de procurar a homogeneidade (Bahia & Fontoura, 2005), e fazendo com que a diferença não constitua um obstáculo, mas sim uma forma de enriquecimento (Goulão & Bahia, no prelo). Quanto às atitudes e práticas em contexto de treino são também facilitadoras da interacção, apelando ao bem-estar e desenvolvimento dos jogadores, à promoção das suas potencialidades, e à utilização do desporto para a aprendizagem de valores e comportamentos transferíveis a outros contextos de vida. Os jogadores entrevistados referem que o tipo de colaboração e de cooperação que a prática do *rugby* lhes proporciona são importantes para as suas vivências presentes e futuras. Como refere Seraganian (1993) o desporto constitui um veículo fundamental na transmissão de valores. Também o treinador da equipa de Sub-12 expôs que este projecto (ERG) é essencialmente um meio para alcançar a inserção social e não mais uma equipa que

pretende vencer jogos. O *rugby* é uma modalidade que por natureza é inclusiva na medida em que as diferentes compleições e competências físicas e atléticas contribuem para o desempenho de uma equipa (Morais, 2006) e por isso constitui um meio particularmente determinante para valorizar as diferenças físicas entre os atletas que o praticam. No entanto, no caso concreto da Escolinha de Rugby da Galiza, esta característica alia-se a outra igualmente relevante no desenvolvimento pessoal: a valorização de outras competências, nomeadamente, competências emocionais, sociais e morais. Nestas faixas etárias impõe-se o cumprimento de tarefas desenvolvimentais, em particular, a aprendizagem e valorização da relação com os outros (desenvolvimento social), aquisição de sentimentos acerca de nós, das pessoas que nos são significativas e do mundo que nos rodeia (desenvolvimento emocional) (Bahia, Pereira & Monteiro, 2008), e a capacidade para compreender as relações sociais bem como o desejo de actuar de forma justa e segundo as regras de convivência social (desenvolvimento moral) (Brustad & Parker, 2005).

Tudo isto é valorizado e constitui um propósito de quem assume de corpo e alma este projecto. Como foi referido pelos treinadores e coordenador, o bem-estar, satisfação, desenvolvimento, inclusão, são os objectivos finais da Escolinha de Rugby da Galiza. Assim, os factores, crenças, atitudes e práticas encontradas no contexto promovem uma relação contínua e construtiva entre sujeitos de diferentes grupos culturais, sem existir superioridade de um sobre o outro, isto é, permitem a Interculturalidade (Goulão & Bahia, no prelo).

Relativamente aos objectivos propostos, o primeiro objectivo, verificar numa determinada faixa etária e num contexto específico os efeitos da prática de uma modalidade desportiva, foi atingindo na medida em que jogadores e treinadores revelaram os efeitos positivos desta prática. No entanto, o segundo objectivo acabou por não ser alcançado na totalidade, ou seja, os dados não permitem verificar como esta prática extra-curricular pode ter impacto no contexto escolar. Foi, assim, possível aferir alguns efeitos da prática do rugby a diferentes níveis (cognitivo, motivacional, afectivo, social e moral) numa população multicultural com idades compreendidas entre os 10 e os 14 anos, tendo sido apenas exequível verificar apenas de forma superficial que variáveis ocorrentes no contexto desportivo podem construir potencialidades no âmbito escolar, como a motivação e o desenvolvimento cognitivo.

Segundo os treinadores, coordenador e os próprios jogadores, o envolvimento e motivação são factores presentes nas duas equipas e, de um modo geral, em todos os

jogadores. Ao nível cognitivo, os jogadores parecem compreender e interiorizar facilmente as particularidades da modalidade, caracterizada pela extensão e complexidade de regras. Segundo o coordenador, “(...) eles próprios acabam por também ajudar a explicar as regras aos que chegam”, o que mostra que a prática desportiva pode auxiliar estes jogadores no desenvolvimento de competências de comunicação. E um dos jogadores referiu que considera que praticar *rugby* contribui para melhorar as notas escolares pois “aprendemos melhor, porque o rugby tem muitas regras”. Esta actividade extra-curricular demonstra contribuir para o desenvolvimento cognitivo, motivação e envolvimento dos adolescentes em algo que lhes proporciona prazer e lhes permite o estabelecimento e persecução de objectivos. Estes factores poderão ser transferíveis ao contexto escolar, demonstrando o contributo e a complementaridade dos contextos não formais de educação no contexto formal que é a escola.

Através da observação e dos testemunhos dos treinadores, coordenador e jogadores, a prática de uma modalidade desportiva colectiva parece ser um meio facilitador da integração/inclusão de jovens de diferentes origens culturais. Neste contexto específico, este processo parece ocorrer de forma natural (“tudo isto aqui funciona naturalmente”), o que nos leva a questionar se não estaremos diante de um estereótipo social, em que se preconiza que sujeitos de diferentes culturas não aceitam e não integram facilmente pessoas cuja cultura difere da sua, tal como refere Ogbu (1982). Relembrando a análise segundo os estádios de construção da identidade cultural de Banks (2001), nenhum dos jogadores parece possuir características do estádio 1 “cativeiro psicológico cultural” ou do estádio 2 “encapsulação cultural”, o que significa que aceitam a sua própria origem cultural e relacionam-se positivamente com indivíduos de outras culturas. Contudo, a presença nos jogadores de particularidades dos estádios mais avançados da hierarquia de Banks também pode ser explicada pelas crenças, atitudes e práticas dos restantes intervenientes (treinadores e coordenador) que valorizam notoriamente a diferença e a interculturalidade. É manifesto que nesta instituição o treinador é um modelo positivo, uma referência para os jovens jogadores. Por isso, é importante que os treinadores tenham consciência do papel determinante que desempenham no sentido de fomentar factores de protecção, como competências sociais, resolução de problemas, o auto-conceito, expectativas positivas sobre o futuro, a vinculação com pessoas significativas, o envolvimento relacional, a crença no esforço e empenho, a definição de regras e padrões, a segurança e o apoio (Kirby & Fraser, 1997).

A par deste conhecimento é também útil compreenderem as vantagens do desporto nas atitudes, comportamentos e vidas destes adolescentes. Ao fazê-lo, estarão a contribuir para que eles adquiram mais características dos últimos estádios da construção da identidade cultural de Banks (2001), almejando o estágio 5 “multiculturalismo”, em que o sujeito é capaz de compreender, admirar e partilhar valores, símbolos e particularidades de outras culturas; e o estágio 6 “globalismo e competência global”, caracterizado pela capacidade relacional com diferentes culturas e por uma interiorização dos valores e princípios éticos universais (Banks, 2001).

As limitações deste estudo devem-se sobretudo a ter sido uma investigação exclusivamente de carácter qualitativo, em que a fonte directa de dados é o ambiente natural e as “situações educativas” têm a característica de ocorrerem apenas uma só vez e de não serem, portanto, integralmente reproduzíveis (Estrela & Ferreira, 2001), o que dificulta o processo de análise de dados. Também não foi possível entrevistar todos os jogadores de ambas as equipas (cerca de 40), devido à restrição de tempo, tendo sido a amostra de apenas 8 elementos (dois capitães de equipa e seis jogadores). O facto de não se ter conseguido atingir na totalidade o segundo objectivo estabelecido constituiu também uma limitação. E neste estudo em particular, as condições climáticas criaram um obstáculo em alguns treinos que acabaram por não se realizar, devido a serem praticados ao ar livre, o que retardou o trabalho da observadora.

No entanto, considera-se que este trabalho demonstra potencialidades, podendo ser aprofundado no futuro. Aferindo que a prática de uma modalidade desportiva tem efeitos positivos na promoção da interculturalidade, poderia aprofundar-se o conhecimento e análise de outras práticas extra-curriculares que fazem do desporto um veículo de inclusão. E, possivelmente, comparar práticas de modalidades desportivas colectivas e individuais, de forma a averiguar possíveis diferenças na aquisição de determinadas competências (cooperação, estabelecimento de relações, resolução de problemas, entre outras).

Referências Bibliográficas

- Ainscow, M., Dyson, A., Goldrick, S., Kerr, K., & Miles, S. (2008). *Equity in Education: Responding to Context*. University of Manchester: Centre for Equity in Education.
- Amado, J. S. (2000). *A construção da disciplina na escola: suportes teórico-práticos*. Porto: ASA.
- Bahia (2009). *Horizontes (s)em espaços inclusivos*. Comunicação apresentada no Seminário “Caminhos para a Inclusão”. Câmara Municipal de Cascais.
- Bahia (2010). *Características do desenvolvimento da criança e do adolescente: Contributos para a definição de metas de aprendizagem para o Ensino Pré-Escolar e Básico*. Documento de trabalho para o Projecto Metas de Aprendizagem (Área das TIC). Lisboa: Ministério da Educação.
- Bahia, S. & Fontoura, M. (2005). A Construção da Identidade Cultural. In Fontoura, M. (2005). *Uns e outros: da educação multicultural à construção da cidadania* (pp.141-163). Lisboa: EDUCA.
- Bahia, S., Pereira, I. & Monteiro, P. (2008). Fama enganadora. In J. Cadete (Org.) *PETI: 10 anos de combate à exploração do trabalho infantil* (pp.207-242). Lisboa: MTSS / PETI - Fundo Social Europeu.
- Bahia, S. & Janeiro, I. (2008). Avaliação da eficácia das intervenções educacionais em museus: uma proposta teórica. In *International Journal of Development and Educational Psychology*, 1 (3), 35-42.
- Bandura, A. (1986). *Social foundations of thought and action: A social cognitive theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Banks, J. A. (2001). *Cultural Diversity and Education* (4th ed.). Needham Heights, MA: Allyn and Bacon.
- Brito, A. (1990). Psicologia do Desporto. Panorâmica: Desenvolvimento, principais áreas e aplicações. Investigação a nível Internacional e em Portugal. *Ludens*, 12, 5-22.

- Brito, A. P. (1994). *Psicologia do Desporto*. Lisboa: Edições Omniserviços.
- Brito, A. P. (1976). Psicologia desportiva: o desporto como elemento de democratização. *Cultura e Desporto* (43). Lisboa: Direcção Geral dos Desportos.
- Brofenbrenner, U. (1979). *The Ecology of Human Development: Experiments by Nature and Design*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Brustad, R. J. & Parker, M. A. (2005). Enhancing positive youth development through sport and physical activity. *Psychologica*, 39, 75-93.
- Carron, A. V. (1988). *Group Dynamics in Sport: Theoretical and Practical Issues*. London, Ontario: Spodym Publishers.
- Carron, A. V. & Chelladurai, P. (1981). The dynamics of group cohesion in sports. In *Journal of sport psychology*, 3(2), 123-139.
- Carvalho, R. C. (2009). *Treino de atletas jovens – Atitudes e Valores*. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Cruz, J. (1996). Psicologia do Desporto e da Actividade Física: Natureza, História e Desenvolvimento. In José Cruz (ed.) *Manual de Psicologia do Desporto* (pp. 17-41). Braga: SHO – Sistemas Humanos e Organizacionais.
- Cruz, J.F., Machado, P.P., & Mota, M.P. (1996). Efeitos e benefícios psicológicos do exercício e da actividade física. In J. F. Cruz (Ed.), *Manual de Psicologia do Desporto* (pp. 91-116). Braga: SHO – Sistemas Humanos e Organizacionais.
- Denzin, N.K & Lincoln, Y.S. (1994). *Handbook of Qualitative Research*. USA: Sage Publications, Inc.
- Eckhaus, P. (1996). *Communication: its impact on self-esteem and underachievement in the gifted child*. Proceedings from the 1996 National Conference of the Australian Association for the Education of the Gifted and Talented, Adelaide, South Australia.
- Erikson, E.H. (1994). *The life cycle completed: a review*. NY: Norton & Company.
- Fleuri, R.M. (2005). Intercultura e Educação. *Educação, Sociedade & Culturas*, 23, 91-124. Porto: Edições Afrontamento.

- Fontoura, M. (2005). *Uns e outros: da educação multicultural à construção da cidadania*. Lisboa: EDUCA.
- Gonçalves, M. T. & Cruz, J. F.. (1997). Efeitos e benefícios psicológicos do exercício e da actividade física: Um estudo na ginástica aeróbica. *Teoria, investigação e prática*, 2, 575-584.
- Goulão, F. & Bahia, S. (no prelo). Diversidade cultural e social. In F. H. Veiga (Coord.). *Psicologia da Educação: Teoria, Investigação e Aplicação* (aceite para publicação). Braga: Psiquilíbrios.
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (2001). *O Inquérito. Teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Giddens, A.(1996). *As Consequências da Modernidade*. Oeiras: Celta Editora.
- Kirby, L. D. & Fraser, M. W. (1997). Risk and resiliency in childhood. In Fraser, M. W. (Ed.), *Risk and Resiliency* (pp. 10-33). Washington, DC: NASW Press.
- Klein, M. & Christiansen, G. (1969). Group composition, group structure and group effectiveness of basketball teams. In *Sport, Culture and Society*, 397-408.
- Kolberg, L. (1969). *The psychology of moral development: Moral stages and the life cycle*. San Francisco: Harper & Row.
- Ladmiral, J.R. & Lipiansky, E.M. (1989). *La communication interculturelle*. Paris: Armand Colin Éditeur.
- Lago, C. (2006). *Race, Culture and Counseling. The Ongoing Challenge* (2th). NY: Open University Press.
- Laursen, B. (1996). *Closeness and conflict in adolescent peer relationships: interdependence with friends and romantic partners*. NY: Cambridge University Press.
- Machado, P. & Ribeiro, J. L. (1991). *Efeitos psicológicos da actividade física*. Desporto, Saúde, Bem Bem-Estar – Actas. FCDEF: Universidade do Porto.
- Moreira, C. (2007). *Teorias e práticas de investigação*. Universidade Técnica de Lisboa: Artes Gráficas, Lda.
- Morais, T. (2006). *Compromisso: Nunca Desistir*. Lisboa: Booknomics.

Neto, F. (1996). Psicologia Social e Cultura Portuguesa. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 31, 61-87.

Neto, F. (2000). Preditores da Solidão em Jovens Timorenses Residentes em Portugal. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 35, 45-66.

Neves, S. (2007). Psicologia, diversidade social e multiculturalidade: Caminhos Cruzados. In *Psychologica*, 45, 125-145. Coimbra: Artes Gráficas, lda.

Ogbu, J. U. (1982). Cultural discontinuities and schooling. *Anthropology and Education Quarterly*, 13, 290-307.

Okagaki, L. (2001). Thiarchic Model of Minority Children's School Achievement. In *Educational Psychologist*, 36 (1), 9-20.

Papalia, D.E, Olds, S. W. & Felman, R. D. (2001). *O Mundo da criança*. Lisboa: McGraw-Hill.

Portal da Educação (2005). *Leis de Base do Sistema Educativo: Lei nº 49/2005 de 30 de Agosto*. Ministério da Educação. Retirado da internet em 17 de Agosto de 2010. <http://www.min-edu.pt/np3/150>

Rodrigues, D. (2006). Dez ideias (mal) feitas sobre a Educação Inclusiva. In David Rodrigues (org.), *Inclusão e Educação: Doze olhares sobre a Educação Inclusiva* (pp.299-318). São Paulo: Summus Editora.

Rosenthal, D. A. (1987). Ethnic identity development in adolescents. In M. J. Rotheram & J. S. Phinney (Eds.), *Children's ethnic socialization*, 156-179. London: Sage.

Rutter, M. (1987). Psychosocial resilience and protective mechanisms. *American Journal of Orthopsychiatry*, 57(3), 316-330.

Seraganian, P. (1993). *Exercise Psychology. The Influence of Physical Exercise on Psychological Processes*. US: John Wiley & Sons, Inc.

Smith, R., Zane, N., Smoll, F. & Coppel, D. (1983). Behavioral assessment in youth sports: Coaching behaviors and children's attitudes. *Medicine and Science in Sports and Exercise*, 15, 208-214.

Stigger, M. P. (1999). Desporto, Multiculturalidade e Educação: do Desporto na Escola, para o Desporto na Escola. *Educação, Sociedade & Culturas*, 12, 63-84. Porto: Edições Afrontamento.

Watkins, A. (2007). *Processo de Avaliação em Contextos Inclusivos: Questões-chave para Políticas e Práticas*. Odense, Dinamarca: European Agency for Development in Special Needs Education.

Youniss, J. (1980). *Parents and Peers in Social Development: A Sullivan-Piaget Perspective*. Chicago: University of Chicago Press.

Anexos

Anexo 1a:

Checklist de Observação em Contexto de Treino

Data:

Nº de jogadores presentes:

Nível Cognitivo	<ul style="list-style-type: none">• Compreensão das regras• Compreensão das instruções dadas• Resolução dos exercícios• Competências de comunicação
Nível Motivacional	<ul style="list-style-type: none">• Envolvimento na tarefa• Atenção/Concentração
Nível Afectivo	<ul style="list-style-type: none">• Expressão de emoções• Sensibilidade à crítica• Comportamentos de proximidade/agressividade (para com o treinador e colegas)
Nível Social	<ul style="list-style-type: none">• Competências sociais• Cooperação/Colaboração• Parcerias (com colegas da mesma etnia; com colegas de diferentes etnias)
Nível Moral	<ul style="list-style-type: none">• Atitude de preocupação/solidariedade com os outros

Adaptado de Bahia, S. & Janeiro, I. (2008). Avaliação da eficácia das intervenções educacionais em museus: uma proposta teórica. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 1 (3), 35-42

Anexo 1b:

Checklist de Observação em Contexto de Treino

Data: 17 de Março de 2010 (18h30-19h30)

Nº de jogadores presentes: 20 (Sexo M - 16; Sexo F - 4)/ Equipa Sub 12 + Equipa Sub 14

Nível Cognitivo	<ul style="list-style-type: none">• Compreensão das regras Sim.• Compreensão das instruções dadas Na maioria das vezes sim; por vezes é necessária a repetição das instruções.• Resolução dos exercícios Todos os jogadores realizam qualquer exercício; mesmo que não compreendam à primeira fazem-no a seguir.• Competências de comunicação No geral, todos os jogadores parecem possuir competências de comunicação, o que se denota na forma como conseguem comunicar com os colegas de grupo.
Nível Motivacional	<ul style="list-style-type: none">• Envolvimento na tarefa Variável entre os elementos mas não denotei em nenhum a ausência de envolvimento; alguns elementos parecem indicar uma extrema dedicação, dando até novas ideias para a resolução de um exercício, por exemplo.• Atenção/Concentração Na realização das actividades são elevadas; nos “tempos mortos” medianas.
Nível Afectivo	<ul style="list-style-type: none">• Expressão de emoções O contexto facilita a expressão de emoções, desde a alegria à raiva (desde que não direccionada para

	<p>os colegas e treinador).</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sensibilidade à crítica Um rapaz de raça negra perdeu e ficou amuado (vestiu-se e foi embora do treino); o treinador chamou-o e ele regressou ao jogo. Contudo, mais tarde respondeu de forma incorrecta e virou costas ao treinador, e este mandou-o sentar-se e disse-lhe que não jogaria tão cedo. O rapaz vestiu-se novamente e foi-se embora de vez. • Comportamentos de proximidade/agressividade (para com o treinador e colegas) Alguns comportamentos de agressividade relativamente ao treinador (comportamento verbal inadequado), posterior a críticas feitas por este; nesta situação, o treinador manda-os sentar fora do campo.
Nível Social	<ul style="list-style-type: none"> • Competências sociais Patenteadas (de relacionamento interpessoal, resolução de problemas, auto-controlo...). • Cooperação/Colaboração Nos treinos, e visto que o desporto assim o exige, o grupo é bastante unido. • Parcerias (com colegas da mesma etnia; com colegas de diferentes etnias) Parcerias variadas (entre diferentes culturas).
Nível Moral	<ul style="list-style-type: none"> • Atitude de preocupação/solidariedade com os outros Quando inicialmente o treinador lhes pediu para correrem à volta do campo, como exercício de aquecimento, um rapaz de raça negra disse para os outros correrem mais devagar pois um deles (de raça branca) estava lesionado e corria mais lentamente.

Adaptado de Bahia, S. & Janeiro, I. (2008). Avaliação da eficácia das intervenções educacionais em museus: uma proposta teórica. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 1 (3), 35-42

Data: 24 de Março de 2010 (18h30-19h30)

Nº de jogadores presentes: 20 (Sexo M - 16; Sexo F - 4)/ Equipa Sub 12 + Equipa Sub 14

Nível Cognitivo	<ul style="list-style-type: none">• Compreensão das regras Sim.• Compreensão das instruções dadas Quando não entendem questionam o treinador, e este explica novamente, o que reforça a compreensão.• Resolução dos exercícios Todos os jogadores realizam os exercícios.• Competências de comunicação Os jogadores parecem saber comunicar entre si.
Nível Motivacional	<ul style="list-style-type: none">• Envolvimento na tarefa Numa situação um jogador disse para outro “está atento” e o outro respondeu “vê lá se não vou fazer bem!”. O objectivo parece ser o melhor desempenho e sucesso possíveis.• Atenção/Concentração Elevadas no decorrer das actividades e medianas nos “tempos mortos”.
Nível Afectivo	<ul style="list-style-type: none">• Expressão de emoções O contexto facilita a expressão de emoções.• Sensibilidade à crítica Não houve ocorrências em que foi demonstrada a sensibilidade a críticas.• Comportamentos de proximidade/agressividade (para com o treinador e colegas) Hoje só denotei comportamentos de proximidade face ao treinador e colegas de equipa.
Nível Social	<ul style="list-style-type: none">• Competências sociais Os elementos da equipa parecem possuir competências sociais, demonstradas nas relações

	<p>interpessoais e na sua atitude em contexto de treino.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Cooperação/Colaboração Evidenciadas. • Parcerias (com colegas da mesma etnia; com colegas de diferentes etnias) Não denoto uma tendência de as parcerias e pequenos grupos serem constituídos segundo a cultura dos jogadores.
Nível Moral	<ul style="list-style-type: none"> • Atitude de preocupação/solidariedade com os outros Um rapaz (de raça negra) magoou-se na realização de um exercício em grupo e outro (de raça branca) foi ver se ele estava bem. No final do treino tiveram todos que correr ao longo do campo de modo a fazer uma linha, em que os jogadores mais rápidos tinham que respeitar o ritmo dos jogadores mais lentos e estes últimos dar o seu máximo para tentar alcançar os colegas mais rápidos. O objectivo era simples, formar uma linha enquanto corriam, e curiosamente foram os jogadores mais rápidos que demonstraram uma maior preocupação com os mais lentos, correndo portanto mais devagar.

Adaptado de Bahia, S. & Janeiro, I. (2008). Avaliação da eficácia das intervenções educacionais em museus: uma proposta teórica. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 1 (3), 35-42

Data: 27 de Abril 2010 (18h30-19h30)

Nº de jogadores presentes: 26 (Sexo M - 24; Sexo F - 2)/ Equipa Sub 12 + Equipa Sub 14

Nível Cognitivo	<ul style="list-style-type: none">• Compreensão das regras Sim.• Compreensão das instruções dadas Houve um exercício que os jogadores não estavam a compreender bem, só depois de algumas demonstrações do treinador, eles perceberam e realizaram eficazmente o que foi pedido.• Resolução dos exercícios Mesmo que não compreendam logo o exercício, os jogadores realizam-no sempre.• Competências de comunicação Patenteadas.
Nível Motivacional	<ul style="list-style-type: none">• Envolvimento na tarefa Houve alguns membros que pareceram não estar muito envolvidos, sentando-se diversas vezes, por exemplo.• Atenção/Concentração Medianas.
Nível Afectivo	<ul style="list-style-type: none">• Expressão de emoções O contexto é facilitador, hoje por exemplo, de emoções como a raiva, a frustração...• Sensibilidade à crítica Houve um rapaz (de etnia cigana) que ficou amuado após uma crítica feita pelo treinador, dizendo “barafustam sempre comigo!”. Numa pausa para os jogadores beberem água, o treinador foi falar com ele individualmente.• Comportamentos de proximidade/agressividade (para com o treinador e colegas) Houve uma pequena discussão entre dois

	<p>jogadores (de raça branca) pois cada um dizia que era a sua vez no exercício. Mas foi momentânea, não houve mais ocorrência entre estes dois jogadores.</p> <p>Alguns jogadores estavam a brincar com a bola, depois de o treinador já lhes ter dito para pararem, e um rapaz (de raça negra) disse “parem com isso!”.</p> <p>Depois de uma pausa para beberem água, o treinador disse para se juntarem no meio do campo e um jogador (de raça branca) disse para os outros “rápido!”.</p>
Nível Social	<ul style="list-style-type: none"> • Competências sociais Mesmo que discutam, os jogadores sabem resolver os problemas, parecendo não influenciar as suas relações. • Cooperação/Colaboração Complementando o ponto acima, apesar de certos aspectos menos positivos, o grupo é bastante unido. • Parcerias (com colegas da mesma etnia; com colegas de diferentes etnias) As parcerias são variadas.
Nível Moral	<ul style="list-style-type: none"> • Atitude de preocupação/solidariedade com os outros Dois jogadores (um de raça branca e outro de raça negra) estavam a discutir, e um rapaz (de raça negra) disse “parem com isso!”.

Adaptado de Bahia, S. & Janeiro, I. (2008). Avaliação da eficácia das intervenções educacionais em museus: uma proposta teórica. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 1 (3), 35-42

Guião de Entrevista – Coordenador do Rugby (ERG)

Tema: Perspectiva do Coordenador do Rugby, da Escolinha de Rugby da Galiza, face à questão da interculturalidade.

Objectivos gerais:

- Compreender até que ponto as diferenças culturais são percepcionadas como uma prioridade do contexto.
- Conhecer a perspectiva do entrevistado relativamente ao nível motivacional, cognitivo, afectivo, social e moral dos jogadores.
- Compreender qual a sua atitude face à interculturalidade no desporto.

✓ **Dados Pessoais (sexo, idade, habilitações literárias)**

Blocos temáticos	Objectivos específicos	Tópicos/questões
A- Legitimação da Entrevista	- Legitimar a entrevista - Motivar o entrevistado	<ul style="list-style-type: none">• Informar o entrevistado do objectivo geral da entrevista.• Referir a importância da sua participação.• Pedir para gravar a entrevista.
B- Percepção do coordenador do Rugby face à interculturalidade das	- Saber há quanto tempo o entrevistado incorpora o papel de coordenador da	<ul style="list-style-type: none">• Pode falar-me da sua experiência enquanto coordenador do Rugby?• O que distingue este contexto (Escolinha de Rugby da Galiza) de outros clubes/equipas de Rugby?

equipas	<p>Escolinha de Rugby da Galiza.</p> <p>- Compreender se o entrevistado considera que a questão da interculturalidade é uma prioridade no contexto.</p>	
C - Dimensões comportamentais	<p>- Compreender como os jogadores se encontram, na perspectiva do entrevistado, ao nível motivacional, cognitivo, afectivo, social e moral.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Que tipo de motivações acha que levam estes jovens a jogar Rugby? • Como é o envolvimento deles nas actividades decorrentes nos treinos? • E a atenção/concentração? • Sente que os jogadores têm alguma dificuldade em compreender as regras da modalidade? • Considera que o treino favorece a expressão de emoções? De que forma? • São mais comuns comportamentos de proximidade ou de agressividade dos jogadores em relação aos treinadores e aos colegas? • Já pode observar que existe cooperação entre os jogadores, em contexto de treino. Considera que de deve à modalidade desportiva (Rugby), que assim o exige, ou à relação criada entre eles? • Existe uma atitude de preocupação/solidariedade entre os jogadores?
D- Atitude face à interculturalidade no desporto	<p>- Compreender qual a atitude do entrevistado perante as diferenças culturais do contexto.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Que objectivos tem enquanto coordenador do Rugby? • Que principais diferenças existem entre a equipa de Rugby e o contexto de ATL, Escola...? • Acha que o desporto favorece a interculturalidade?

Anexo 2b:

Guião de Entrevista – Treinadores (ERG)

Tema: Perspectivas dos treinadores das equipas de Sub 12 e Sub 14 da Escolinha de Rugby da Galiza face à questão da interculturalidade.

Objectivos gerais:

- Compreender até que ponto as diferenças culturais são percepcionadas como uma prioridade do contexto.
- Conhecer a perspectiva dos treinadores relativamente ao nível motivacional, cognitivo, afectivo, social e moral dos jogadores.
- Entender que estratégias utilizam para contornar os obstáculos mais frequentes com que se deparam.
- Compreender qual a sua atitude face à interculturalidade no desporto.

✓ **Dados Pessoais (sexo, idade, habilitações literárias)**

Blocos temáticos	Objectivos específicos	Tópicos/questões
------------------	------------------------	------------------

B- Legitimação da Entrevista	<ul style="list-style-type: none"> - Legitimar a entrevista - Motivar o entrevistado 	<ul style="list-style-type: none"> • Informar o entrevistado do objectivo geral da entrevista. • Referir a importância da sua participação. • Pedir para gravar a entrevista.
B- Percepção do treinador face à interculturalidade da equipa	<ul style="list-style-type: none"> - Saber há quanto tempo o entrevistado incorpora o papel de treinador e, em específico, colabora com a Escolinha de Rugby da Galiza. - Compreender se o entrevistado considera que a questão da interculturalidade é uma prioridade no contexto. 	<ul style="list-style-type: none"> • Pode falar-me da sua experiência enquanto treinador? • O que distingue este contexto (Escolinha de Rugby da Galiza) de outros clubes/equipas de Rugby?
C - Dimensões comportamentais	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender como os jogadores se encontram, na perspectiva do entrevistado, ao nível motivacional, cognitivo, afectivo, social e moral. 	<ul style="list-style-type: none"> • Que tipo de motivações acha que levam estes jovens a jogar Rugby? • Como é o envolvimento deles nas actividades decorrentes nos treinos? • E a atenção/concentração? • Sente alguma dificuldade, por parte dos jogadores, em compreender as regras e instruções dadas por si? • Considera que o treino favorece a expressão de emoções? De que forma? • Lida com situações de sensibilidade à crítica? • São mais comuns comportamentos de proximidade ou de agressividade dos jogadores em relação a si e aos colegas? • Já pude observar que existe cooperação entre os jogadores, em contexto de treino. Considera que de deve à modalidade desportiva (Rugby), que assim o exige, ou à relação criada entre eles? • Alguns exercícios requerem parcerias e

		<p>constituição de pequenos grupos, certo? Denota uma tendência para estes serem criados segundo a cultura dos jogadores?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Existe uma atitude de preocupação/solidariedade entre os jogadores?
D- Estratégias utilizadas pelo treinador	- Entender como o entrevistado contorna os obstáculos com que se depara.	<ul style="list-style-type: none"> • Que objectivos tem enquanto treinador? • Que obstáculos encontra em cada treino? Como lida face a eles?
E- Atitude face à interculturalidade no desporto	- Compreender qual a atitude do entrevistado perante as diferenças culturais do contexto.	<ul style="list-style-type: none"> • Que principais diferenças existem entre a equipa de Rugby e o contexto de ATL, Escola...? • Acha que o desporto favorece a interculturalidade?

Guião de Entrevista – Treinadores (ERG)

Tema: Perspectivas dos treinadores das equipas de Sub 12 e Sub 14 da Escolinha de Rugby da Galiza face à questão da interculturalidade.

Objectivos gerais:

- Compreender até que ponto as diferenças culturais são percepcionadas como uma prioridade do contexto.
- Conhecer a perspectiva dos treinadores relativamente ao nível motivacional, cognitivo, afectivo, social e moral dos jogadores.
- Entender que estratégias utilizam para contornar os obstáculos mais frequentes com que se deparam.
- Compreender qual a sua atitude face à interculturalidade no desporto.

✓ Dados Pessoais (sexo, idade, habilitações literárias)

Blocos temáticos	Objectivos específicos	Tópicos/questões
C- Legitimação da Entrevista	- Legitimar a entrevista - Motivar o entrevistado	<ul style="list-style-type: none">• Informar o entrevistado do objectivo geral da entrevista.• Referir a importância da sua participação.• Pedir para gravar a entrevista.
B- Percepção do treinador face à	- Saber há quanto tempo o entrevistado	<ul style="list-style-type: none">• Pode falar-me da sua experiência enquanto treinador?

interculturalidade da equipa	incorpora o papel de treinador e, em específico, colabora com a Escolinha de Rugby da Galiza. - Compreender se o entrevistado considera que a questão da interculturalidade é uma prioridade no contexto.	<ul style="list-style-type: none"> • O que distingue este contexto (Escolinha de Rugby da Galiza) de outros clubes/equipas de Rugby?
C - Dimensões comportamentais	- Compreender como os jogadores se encontram, na perspectiva do entrevistado, ao nível motivacional, cognitivo, afectivo, social e moral.	<ul style="list-style-type: none"> • Que tipo de motivações acha que levam estes jovens a jogar Rugby? • Como é o envolvimento deles nas actividades decorrentes nos treinos? • E a atenção/concentração? • Sente alguma dificuldade, por parte dos jogadores, em compreender as regras e instruções dadas por si? • Considera que o treino favorece a expressão de emoções? De que forma? • Lida com situações de sensibilidade à crítica? • São mais comuns comportamentos de proximidade ou de agressividade dos jogadores em relação a si e aos colegas? • Já pude observar que existe cooperação entre os jogadores, em contexto de treino. Considera que de deve à modalidade desportiva (Rugby), que assim o exige, ou à relação criada entre eles? • Alguns exercícios requerem parcerias e constituição de pequenos grupos, certo? Denota uma tendência para estes serem criados segundo a cultura dos jogadores? • Existe uma atitude de preocupação/solidariedade entre os jogadores?
D- Estratégias utilizadas pelo treinador	- Entender como o entrevistado contorna os obstáculos com que se depara.	<ul style="list-style-type: none"> • Que objectivos tem enquanto treinador? • Que obstáculos encontra em cada treino? Como lida face a eles?

E- Atitude face à interculturalidade no desporto	- Compreender qual a atitude do entrevistado perante as diferenças culturais do contexto.	<ul style="list-style-type: none"> • Que principais diferenças existem entre a equipa de Rugby e o contexto de ATL, Escola...? • Acha que o desporto favorece a interculturalidade?
--	---	---

Anexo 2c:

Guião de Entrevista – Capitães de Equipa (ERG)

Tema: Perspectivas dos Capitães das Equipas de Sub 12 e Sub 14 da Escolinha de Rugby da Galiza face à questão da interculturalidade.

Objectivos gerais:

- Compreender qual a perspectiva do entrevistado perante o facto de a equipa de Rugby integrar diferentes culturas.
- Conhecer a perspectiva dos capitães relativamente ao nível motivacional, cognitivo, afectivo, social e moral das equipas.
- Conhecer a sua atitude enquanto capitães de equipa.

✓ Dados Pessoais (sexo, idade, nacionalidade)

Blocos temáticos	Objectivos específicos	Tópicos/questões
D- Legitimação da Entrevista	- Legitimar a entrevista - Motivar o entrevistado	<ul style="list-style-type: none">• Informar o entrevistado do objectivo geral da entrevista.• Referir a importância da sua participação.• Pedir para gravar a entrevista.
B- Percepção do capitão face à interculturalidade da equipa	- Saber há quanto tempo o entrevistado incorpora a equipa. - Compreender se o	<ul style="list-style-type: none">• Há quanto tempo jogas rugby aqui na Escolinha de Rugby da Galiza?• Gostas de jogar nesta equipa?• Que diferenças encontras entre esta e outras equipas/clubes de rugby?

	entrevistado considera que a interculturalidade é um factor facilitador na integração, desempenho e sucesso dos membros da equipa.	<ul style="list-style-type: none"> • Pensas que o facto de a equipa integrar jogadores de diferentes culturas pode ser uma vantagem?
C - Dimensões comportamentais	- Compreender como o capitão considera que ele e os colegas se encontram ao nível motivacional, cognitivo, afectivo, social e moral.	<ul style="list-style-type: none"> • Sentes-te motivado para jogar Rugby? E os teus colegas? • Nos treinos é fácil estar atento? É mais fácil do que na escola? • Achas que quem joga Rugby melhora as notas na escola? • Como é que a equipa lida com as críticas (do treinador, dos colegas...)? • Existe agressividade entre os elementos da equipa? • Tu e os teus colegas preocupam-se uns com os outros?
D- Estratégias utilizadas pelo capitão	- Entender qual a atitude do entrevistado como capitão de equipa.	<ul style="list-style-type: none"> • Como é que tu, enquanto capitão, fomentas o espírito de grupo? • Quais são os teus objectivos enquanto capitão?

Anexo 2d:

Guião de Entrevista – Jogadores (ERG)

Tema: Perspectivas dos jogadores das equipas de Sub 12 e Sub 14 da Escolinha de Rugby da Galiza face à questão da interculturalidade.

Objectivos gerais:

- Compreender qual a perspectiva do entrevistado perante o facto de a equipa de Rugby integrar diferentes culturas.
- Conhecer a perspectiva dos jogadores relativamente ao nível motivacional, cognitivo, afectivo, social e moral das equipas.
- Conhecer a sua atitude enquanto praticantes de Rugby.

✓ Dados Pessoais (sexo, idade, nacionalidade)

Blocos temáticos	Objectivos específicos	Tópicos/questões
E- Legitimação da Entrevista	- Legitimar a entrevista - Motivar o entrevistado	<ul style="list-style-type: none">• Informar o entrevistado do objectivo geral da entrevista.• Referir a importância da sua participação.• Pedir para gravar a entrevista.
B- Percepção do capitão face à interculturalidade da	- Saber há quanto tempo o entrevistado	<ul style="list-style-type: none">• Há quanto tempo jogas rugby aqui na Escolinha de Rugby da Galiza?• Gostas de jogar nesta equipa? Porquê?

equipa	<p>incorpora a equipa.</p> <p>- Compreender se o entrevistado considera que a interculturalidade é um factor facilitador na integração, desempenho e sucesso dos membros da equipa.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Que diferenças encontras entre esta e outras equipas/clubes de rugby? • Pensas que o facto de a equipa integrar jogadores de diferentes culturas pode ser uma vantagem?
C - Dimensões comportamentais	<p>- Compreender como o capitão considera que ele e os colegas se encontram ao nível motivacional, cognitivo, afectivo, social e moral.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Sentes-te motivado para jogar Rugby? E os teus colegas? • Nos treinos é fácil estar atento? É mais fácil do que na escola? • Achas que quem joga Rugby melhora as notas na escola? • Como é que a equipa lida com as críticas (do treinador, dos colegas...)? • Existe agressividade entre os elementos da equipa? • Tu e os teus colegas preocupam-se uns com os outros?
D- Estratégias utilizadas pelo jogador	<p>- Entender qual a atitude do entrevistado como jogador de Rugby.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Como é que tu, enquanto jogador, fomentas o espírito de grupo? • Quais são os teus objectivos enquanto jogador?

Entrevistado: Coordenador do Rugby

- Dados pessoais:
Sexo Masculino

31 anos

Licenciado em Ciências do Desporto

- Podes falar-me da tua experiência enquanto coordenador do Rugby?

- A minha experiência aqui na Casa Grande surge porque já trabalho cá, sei lá, quase há uma vida, há oito anos, e venho do âmbito de um projecto desportivo que existia, que ainda existe, que é o Projecto Desportivo da Casa Grande e que, na altura, tinha como principal objectivo a colocação de crianças e jovens do ATL a praticar actividades físicas e desportivas em clubes aqui do concelho. Para quê? Para permitir que as crianças tenham o mesmo tipo de acessos e de apoios que todas as outras fora destes meios mais carenciados. A Escolinha surge há quase quatro anos atrás, com o intuito de formarmos um clube. Já tínhamos na Casa Grande modalidades como o futebol, natação, ténis, basquete, por aí fora, mas uma delas era o rugby e formaram-se equipas em dois clubes, no Cascais e na Agronomia, só que entretanto aquilo ficou a saber um bocadinho a pouco, porque os miúdos queriam, tinham vontade de participar, só que as coisas não funcionavam bem, ou porque era longe, ou porque estava a chover e não se podia treinar, havia sempre um monte de condicionantes e aquilo foi ficando, foi ficando, e sabia a pouco. Porquê? Porque entretanto os miúdos começaram a querer mais e nós não tínhamos compensado a resposta. Entretanto surge a ideia da Escolinha, sem nada, como tu já sabes não é? Não tínhamos nada, tínhamos só treinadores, tínhamos o ATL, por trás, que é fundamental para o bom funcionamento deste projecto, a estrutura toda do ATL e, pronto, e tínhamos muitos amigos e voluntários que nos ajudaram. No que toca à minha experiência aqui, especificamente ao rugby, tem sido claramente uma experiência muito enriquecedora porque, apesar de eu ser licenciado em Ciências do Desporto, o desporto tem muita coisa, há várias modalidades e cada uma delas tem as suas regras, os seus comportamentos, as suas atitudes que são um bocado próprias a cada modalidade e eu tinha uma ligação com desportos colectivos, sempre gostei de desportos colectivos, mas o rugby nunca fez parte do meu top 10 de modalidades, tive uns apontamentos na faculdade e pouco mais. E agora aqui com o rugby tem sido uma aprendizagem constante. Existem muitas coisas que eu não consigo dominar, domino as questões do treino, as questões da gestão do tempo, de organização, da pedagogia, essas partes estão mais controladas, mas depois aquelas questões mais técnicas de arbitragem e da própria

modalidade, isso tenho que me socorrer claramente aos treinadores. A experiência tem sido de aprendizagem, tem sido muito positiva, temos conseguido fazer coisas boas, com qualidade, acho que desenvolvemos um trabalho de qualidade acessível a todos, porque a principal missão da Escolinha é de servir a comunidade, neste caso, os miúdos desfavorecidos, e depois com tudo o que isso abarca, vem a estabilidade, a paz social, digamos assim, o envolvimento geral da comunidade, os pais, a escola, depois tudo à volta do mais importante que é a criança/adolescente. Tem sido positiva, tem sido divertida, temos tido momentos de muito boa disposição porque também precisamos de nos rir com eles e vamo-nos rindo com algumas situações que acontecem no dia-a-dia, há muitas histórias dos miúdos, mas também tem sido trabalhosa, não é só facilidades. Temos alguns problemas que temos tentado dar a volta mas a experiência está a ser muito boa, está a ser claramente positiva.

- O que distingue a Escolinha de outros clubes/equipas de Rugby?

- Do pouco que eu conheço de rugby e, também, só nos posicionámos neste mundo, mais a sério, para aí há quatro anos, há três anos e qualquer coisa, o que diferencia é claramente a maior preocupação em vermos a criança como um todo. Aqui procuramos saber que ele é jogador, que ele é estudante, que ele é filho, que ele é irmão, que ele é um membro integrante da sociedade. Não digo que isto não aconteça nos outros clubes mas, lá está, muito tendo provado a estrutura do ATL que os acompanha, já alguns anos, até esta fase. Depois quando eles saem da escola vêm para o ATL, acabam por passar cá, sei lá, a pensar no escalão dos Sub-12 e Sub-14, dependendo dos horários, saem às 15h30 nuns dias, outros saem às 16h30, pronto acabam por ficar aqui umas três, quatro, cinco horas às vezes, portanto é um acompanhamento que se dá muito maior a um miúdo do que num clube que só aparece lá numa hora, numa hora e meia de treino e de jogo. Portanto, acho que é claramente o conhecer profundamente uma criança e toda a sua história de vida. Não digo que não aconteça noutros clubes mas acho que é uma das coisas que, se calhar, mais prevalece aqui na Escolinha.

- É uma prioridade vossa não é?

- Sim, sim, sim, é!

- Que tipo de motivações achas que levam estes jovens a praticar Rugby?

- Olha, numa fase muito inicial, acho que eles entram à procura de qualquer actividade. Em primeiro lugar eles querem é praticar desporto, tendo por base o seu grupo de amigos. Eles andam na escola, trocam relações e depois “Ah eu jogo rugby, por que é que não vens?”. Vem muito por aí. E eles “Rugby? O que é isso?”. Geralmente a grande maioria, alguns dos miúdos que vieram para aqui, não sabiam o que é que era e, portanto, não sabiam para o que vinham, vieram à descoberta e pronto, depois foram gostando. Acho, claramente, que o que os trás cá são os amigos. Depois para os manter, para os fidelizar é tudo à volta, são os treinadores que têm muita paciência para estar com eles, são os voluntários que também andam à volta, eles não percebem muito em algumas situações mas existem explicadores, existem as hospedeiras para os escalões Mega Bambis e Sub 8, existem os monitores de ATL que também os conhecem a todos, vão levá-los nas carrinhas, há a questão da fisioterapia, a questão do estudo. Há aqui um conjunto de serviços que eles também têm consciência que podem aceder facilmente.

- Como é o envolvimento nos treinos?

- O envolvimento deles nos treinos é bom, é muito bom! Eles gostam! Acho que acima de tudo eles gostam e vê-se isso no próprio treino. Há dias que, como é normal, um ou

outro pode não estar assim com mais vontade mas, também, está aqui o nosso papel de adulto, forçamos um bocadinho (forçamos no bom sentido porque é um ganho para eles a longo prazo). Mas acho que sim, acho que eles se envolvem bem nos treinos. Acho que eles gostam e não temos tido, assim, uma taxa de desistências muito elevada. Temos uma taxa, é capaz de desistir uma criança de três em três meses, tendo assim uma ideia. Portanto, acho que isto é significativo! Significa que eles estão bem, que gostam de estar aqui, gostam das actividades que são feitas nos treinos, gostam dos convívios. Enfim, acho que gostam!

- E a atenção/concentração?

- Isso aí é que já é outro problema! Eles têm, não são todos mas, a grande maioria, se pegarmos nos escalões mais novos de Sub-8 e Sub-10, existem aqui grandes problemas de concentração, na grande maioria porque as idades são muito pequenas, o desenvolvimento em campo deles ainda não está em pleno, portanto, há grandes dificuldades nesse aspecto. Nos outros, nos escalões de Sub-12 e Sub-14, em que principalmente nos Sub-14 já se começa a formar o seu traço de personalidade e começa a ficar agora mais vincado, aí já temos outro tipo de problema que é, continua a ser a falta de concentração mas, muitas vezes, por falta de estímulos ou problemas familiares, ou problemas escolares, aí já é outra componente, não tanto pelo seu ambiente, pela parte de desenvolvimento interno mas, mais pelo ambiente social, na escola, problemas, enfim, já são outros quinhentos. Mas eles vão fazendo as coisas que os treinadores vão pedindo e até têm feito aquisições técnicas boas e as condicionantes são muito grandes, muitos não conhecem a modalidade, entraram no primeiro dia, uns em Setembro, outros no início de Outubro (uns 15 miúdos dos mais velhos), o tipo de piso em que eles treinam não é o mesmo tipo de piso que outras equipas treinam, quando está a chover não treinamos, este ano infelizmente houve muita chuva, portanto, houve muitos treinos que foram cancelados, os treinadores tentaram dar a volta como puderam dando-lhes vídeos, palestras e outros tipos de actividades, portanto, temos que ir fazendo valer as condicionantes todas, vamos tentando fazer, vamos tentando levar o barco a bom rumo.

- Sentes que os jogadores têm alguma dificuldade em compreender as regras da modalidade?

- Não porque o jogo tem bastantes regras, tem mesmo muitas regras, mas aquilo que interessa nestas idades são alguns comportamentos, portanto, só ouviam falar de 10/15 regras no máximo, portanto, fica mais de metade das coisas, as pessoas só se preocupam, os treinadores só se preocupam com determinados comportamentos. Numa fase inicial têm sempre aquelas dificuldades mas depois, como também alguns já têm quatro anos de rugby, já têm uma abordagem maior, portanto, eles próprios acabam por também ajudar a explicar as regras aos que chegam, que liberta os treinadores para outras questões, para as questões mais do próprio planeamento e desenvolvimento geral da equipa, porque muitos problemas que eles têm é que uma equipa tinha uns jogadores com um nível de rugby muito elevado e depois entrou um grande grupo, mais ou menos metade da equipa, que não tinha nada, portanto, os treinadores mandavam as mãos à cabeça!

- Consideras que o treino favorece a expressão de emoções? De que forma?

- Sim, a exprimir e a descarregar emoções. De que forma? Olha eles correm, eles riem, eles saltam, eles abraçam-se, eles de vez em quando chateiam-se, dá para tudo e aqui, no desporto, neste caso no rugby, pode ser a pessoa na sua essência porque não está sentada numa mesa, não tem nenhuma barreira, fortalece ligações directas no que toca à sociologia, fortalece as relações directas com os pares e com a autoridade que, neste caso, é a figura do treinador, possibilita a expressão de toda a sua energia boa e má em prol de um objectivo comum. Como? Não sei! Eles são capazes de tudo!

- São mais comuns comportamentos de proximidade ou de agressividade dos jogadores em relação aos treinadores e aos colegas?

- Não, não, não! Comportamentos de agressividade não digo que não aconteçam, isto não é agressividade na sua essência, é uma agressividade porque muitas das vezes os interesses são comuns e as personalidades são capazes de ser muito fortes que chocam e isso é que poderá despoletar um ou outro comportamento agressivo. Mas eles sabem que não é tolerado, nem de perto nem de longe, qualquer tipo de violência, não só física mas também verbal e psicológica. Infelizmente já tivemos que tomar uma medida que foi suspender um jogador por uma atitude menos correcta mas essa é mesmo a última das últimas punições que nós tenhamos utilizado e os treinadores sabem disso, porque a ideia é tirá-los...digamos...daquela problemática toda, a ideia principal é tirar os miúdos da rua, esses miúdos convivem desde cedo com problemas de delinquência, tráfico, etc, etc, etc. Já viram muita indecência e a ideia é também tirá-los da rua, portanto, se eles vêm para aqui, se eles se mantêm fidelizados no treino, e se por um ou outro mau comportamento que não seja digno de grande realço, nós o colocarmos de castigo e o suspendermos, o que é que ele vai fazer? Ele sai daqui, como é lógico, e vai logo enfiar-se no meio do bairro. Depois aquilo que nós andámos a trabalhar durante um, dois, três anos rapidamente se perde. Portanto, a ideia é mantê-los aqui o mais tempo possível, tentando sempre utilizar muita psicologia, muita pedagogia, às vezes autoridade, faz parte, é inerente, mas é assim, é um jogo. E os treinadores neste aspecto têm sido fundamentais, porque eles têm muito poder, tanto podem construir uma equipa como podem destruir, no sentido em que eles são a referência e os miúdos, os jogadores, sabem que existe a Maria, existe o Rómulo, existe o Zé Luís, a parte da direcção mas, também, sabem e já lhes foi dito a todos que existe um treinador que é o responsável por eles, é aquele que planeia os treinos, é aquele que dá o seu tempo, muitos deles são voluntários a dar o seu tempo de propósito para vir cá, para estar com eles, portanto, eles sabem que ele é uma referência, é uma referência que deve ser seguida!

- Já pude observar que existe cooperação entre os jogadores, em contexto de treino. Consideras que de deve à modalidade, que o exige, ou à relação criada entre eles?

- Deve-se às duas porque, de um lado temos um grupo de miúdos que vive junto num mesmo bairro ou estuda junto na mesma escola, portanto, as relações que eles já estabeleceram entre eles, eles já se conhecem de trás para a frente, de costas, já se conhecem muito bem, porque também já se conhecem quase desde pequenos, a maioria já se conhece desde pequenos. Mas, depois, temos outra vertente que é nós ao escolhermos o rugby como modalidade, escolhemo-la também por ser uma modalidade colectiva, e numa fase inicial da vida, e tu já deves ter

estudado isso, todas as crianças, todos os seres são muito individualistas, é a procura e afirmação do eu. Mas depois, chegamos ali a uma fase, em que a adolescência começa a dar ali um clique, em que começamos todos a trabalhar no colectivo, para chegarmos à idade adulta e cada um trabalhar na sua área para se desenvolver a si e ao país e etc. E o desporto, como modalidade colectiva que, neste caso é o rugby, favorece muito este tipo de ligações, sendo eles altos, baixos, sabendo ler, não sabendo ler, enfim, dentro do jogo há várias coisas que também é importante ter, se é corajoso, se tem espírito de liderança, se foge à primeira dificuldade. Há muitas coisas que depois os treinadores têm debaixo de olho, depois eles têm uma ficha de avaliação trimestral que têm que preencher sobre cada um dos miúdos, em que uma das partes vem exactamente a parte técnico-prática, eles receberem a bola, cortar, correr, aquelas partes mais práticas, existe a parte física que tem só a ver com as capacidades de velocidade e força, e depois existe essa parte que é a parte psicológica que engloba aquilo que me interessa saber mais daquele miúdo, se é corajoso, se desiste facilmente, se reage bem ou mal perante os erros dos colegas, se aceita autoridade, que tipo de relação ele estabelece quando está nos convívios, gosta de estar nos convívios, não gosta... Porque isso tudo são indicadores que nos permitem perceber se durante um período, neste caso, três meses, ele melhorou, piorou, precisa de ajuda aqui, não precisa de ajuda ali, é só no rugby, não é só no rugby, se calhar isto é transversal à escola, como é que ele tem estado na sala de estudo, e depois disto tudo, existem as coordenadoras da sala de estudo que vão à escola, pedem as notas iguais às simulações dos professores, fica numa ficha, o ATL tem uma ficha de avaliação, a própria sala de estudo tem uma ficha de avaliação onde fica registado como é que ele está, porta-se bem, chateia o colega etc. E depois à parte desportiva, isto tudo junta-se, e dá uma avaliação final, senta-se aqui o jogador e o encarregado de educação, para depois ser estabelecido um contracto, em que o jovem compromete-se no segundo período a levantar as notas, a estar mais atento nos treinos, não faltar ao respeito à professora, a ir à sala de estudo... Se acontecer isto, tem como prémio uma bicicleta, ir nadar com golfinhos, se não cumprir, tiram-lhe a bicicleta, tiram a playstation, tiram-lhe o computador...

- Existe uma atitude de preocupação/solidariedade entre os jogadores?

- Sim! Isso há. Na sua esmagadora maioria existe um sentimento de pertencerem a um grupo muito fechado, muito fechado não, não é um grupo muito fechado, é um grupo que já tem as suas regras muito próprias, toda a gente já conhece as regras e está receptivo à entrada de outros elementos e, acima de tudo, procura ajudar sempre quem seja um elemento menos bom.

- Que principais diferenças existem entre a equipa de Rugby e o contexto de ATL, Escola...?

- Eu acho que todos eles se complementam e a ideia da Escolinha é com isto tudo complementar a escola, a escola é básica, hoje em dia é secular já; depois a questão do ATL, do apoio que dá à pós-escola, eles em vez de irem para casa, o ATL existe e funciona para os enquadrar em várias actividades. Existe a parte desportiva, existe a parte lúdica, etc. E depois, a própria Escolinha, pronto a sala de estudo dá apoio directo, como é lógico, à escola, depois a Escolinha complementa muito a parte desportiva. Depois temos a Galizoteca, a sala de informática, isto são vários subprojectos de cada um deles, para ajudá-los a terem ferramentas, a terem competências, a ganharem competências que lhes permita a curto/médio prazo estarem aptos

para abraçarem o mundo, porque a ideia é mesmo eles ficarem mais fortes para depois saírem e tornarem-se pessoas válidas lá fora.

M: Vocês consideraram logo que o desporto era boa uma vertente importante para essa integração?

E: Sim, sim! Eles quando estão todos equipados não interessa se têm uma roupa toda “XPTO” ou se é da Quinta da Marinha, se é do Fim do Mundo, isso não interessa nada. O que interessa é que lá estão todos pelo mesmo objectivo, ponto final! Depois fora disso, se quiserem estabelecer ligações estabelecem, à partida sim, se não quiserem perdem os dois! Mas o desporto é fundamental, e ainda no outro dia estava a fazer uma reunião, eu a Maria e alguns treinadores em Coimbra e na viagem estávamos a comentar, enquanto os treinadores dormiam lá atrás, estava a comentar com a Maria que o desporto é uma das poucas áreas que a sociedade tem em que permite beneficiar todos os tipos de estrutura da própria sociedade, ou seja, é preciso um treinador, portanto vai-se buscar alguém que perceba de treino e educação física, é preciso um médico, é preciso um fisioterapeuta, é preciso alguém que faça a divulgação, o marketing, que faça as ligações com o exterior, é preciso informática, é preciso sei lá...são precisas todas as áreas! É preciso fotografia, é preciso vídeo. Todas as áreas tocam o desporto, mesmo ao nosso nível, e o nosso nível é um nível pequenino, quanto mais a um nível profissional!

- Achas que o desporto favorece a interculturalidade?

- Promove e facilita! Nós temos, não digo milhares, mas temos muitos casos de crianças e jovens que nos chegam e que ou são acabados de chegar do Brasil, ou acabados de chegar da Roménia, Ucrânia, Rússia, por aí fora, Leste, Guiné. Portanto, tudo isto aqui funciona naturalmente, e aliás só pode funcionar assim, eles aceitam-se naturalmente, brincam, jogam, falam, convivem, tudo normal. Aqui esta interculturalidade é muito boa porque, depois, cada um aprende um bocadinho do outro, quando eles começam a contar o que se faz em Cabo Verde, outros perguntam o que se come na Guiné, o outro diz o que é que veste na Rússia... É engraçado! E acabamos por ter aqui um núcleo do mundo tão pertinho, e tão rico e tão vasto, que é fantástico!

- Que objectivos tens enquanto coordenador do Rugby?

- É a primeira vez que alguém me pergunta isto! Em primeiro lugar é continuar a dar o suporte desportivo, o enquadramento desportivo à Escolinha e, eventualmente a longo prazo, tornarmos uma referência, não digo a nível nacional, porque poderia estar a ser arrogante, poderia estar a ser mal interpretado, mas sim uma referência no que toca ao desporto, no que toca à integração social, no que toca a uma modalidade que toda gente sabe que era muito fechada e elitista, que seja uma modalidade cada vez mais aberta e acessível a todos aqueles que queiram participar, independentemente da sua nacionalidade, da sua raça, do seu credo. Objectivos... os objectivos é que eles cresçam bem, que os treinadores estejam bem, que nós consigamos acima de tudo, ajudar! Nós estamos aqui para ajudar não é? Eles depois vão crescer, vão à sua vida e vêm outros. Era óptimo nós não termos que abrir Escolinhas, era bom sinal! Era sinal que os clubes funcionam bem, era sinal que os miúdos não precisavam deste tipo de apoios. Mas

também temos coisas muito boas, temos coisas muito engraçadas, eles são muito vivos! Às vezes dão-nos cabo da cabeça, mas faz parte. Nós temos tanta coisa... Esta Escolinha é tão grande, tão vasta, tão rica! Temos treinadores, temos um gabinete de fisioterapia, que é fundamental, temos fisioterapeutas ao sábado nos treinos e jogos, e temos um osteopata, na sala de estudo temos cerca de 50 explicadores voluntários, vêm cá de propósito para ajudar os miúdos, temos uma equipa fabulosa, temos a Sandra que faz o jardim de infância, pega nos Mega Bambis e trás alguns cá para cima, temos a Cristina, o Tomás...

- É uma dinâmica enorme...

- É, é! Depois isto, para quem está de fora, chega aqui, as portas estão todas abertas, a crianças estão todas na rua, isto parece uma anarquia total! Mas não, as coisas já entraram numa rotina há tantos anos que já é fluído, é normal, é natural, e está tudo controlado. Temos treinadores fabulosos, temos treinadores mesmo muito bons, o Bernardo, o Pedro, são excelentes treinadores. Tanto o Bernardo como o Pedro complementam-se em muitos pontos, porque perceberam bem a missão da Escolinha, perceberam quais eram os objectivos que nós pretendíamos alcançar, a entrega, a própria educação, eles vão para lá de um simples treinador. Num clube dito normal, o treinador chega lá, dá o treino, pega nas coisinhas e vai-se embora. E eles aqui não, eles aqui vão a casa dos miúdos, estão aqui com os miúdos, vão aos hospitais, vão às escolas. O Pedro, na altura o Bernardo não pode ir, tivemos um miúdo que se portava mal na escola, e a directora de turma tinha solicitado a um dos treinadores que fosse lá acompanhar o dia todo o miúdo nas aulas. Entretanto o Bernardo não pode porque estava na faculdade, logo a seguir a isto, o Pedro disse que não se importava nada. O Pedro que era de outro escalão não se importou nada de acompanhar o miúdo. Portanto, estas ligações, e depois como é lógico, eles passam a informação toda, passaram para nós e nós divulgámos para todos, porque era uma coisa importante. Mas essa relação de constante apoio, “Hoje não posso. Vai tu!”, conhecem tão bem os miúdos, independentemente de ser do escalão X ou do escalão Y, estas coisas não acontecem nos outros clubes. Se calhar porque nós também ainda somos muitos pequeninos, no que toca a miúdos, nós temos 100 miúdos, há clube com muito mais crianças, portanto, é capaz de se tornar muito mais complicado, mas pelo menos acho que estes treinadores entregam-se e aplicam-se. Eles dão muito mais do que têm que dar, aliás, o que eles têm que dar é muito mais do que os outros dão, é o contrário. Também o que lhes é pedido, como eles sabem, não é para ganharem os jogos nem de perto nem de longe, isso eles têm muito tempo e até podem desistir daqui a 2/3 anos saem daqui, vão para o basquete ou deixam de fazer, e o que é que interessa terem ganho jogos? Os troféus depois ficam nas prateleiras a ganhar pó, é verdade, e muitos treinadores não pensam assim, muitos treinadores querem é ganhar troféus, como principal objectivo de aumentar o seu ego de treinador, mas aqui não, se ganharmos tudo bem, eles também sabem que temos que ir para os jogos e temos que jogar de igual para igual, isto não há cá facilidades, vamos para dar o nosso melhor, se ganharmos óptimo se perdermos, temos que trabalhar mais!

- Obrigada!

Entrevistado: Treinador Sub-14

- Dados pessoais:

Sexo Masculino

20 anos

Frequenta o último ano da Licenciatura em Desporto e Educação Física

- Podes falar-me da tua experiência enquanto treinador?

- Como treinador comecei aqui na Escolinha. Estou aqui desde que começou o projecto, há quase 4 anos. E, pronto, a partir daí já fiz o curso de treinador e foi aqui que começou e que, também, desenvolvi as competências de treinador.

- E como é que tem sido treinar aqui na Escolinha?

- Tem sido óptimo! Também ainda não tive a oportunidade de treinar em mais nenhum clube mas aqui tenho-me sentido realizado! O que não temos aqui em espaços físicos e em condições que os outros clubes têm, acabamos por ter numa grande riqueza como pessoas, miúdos e jogadores, voluntários e professores.

- Pelo que conheces, o que distingue a Escolinha de outros clubes e equipas de Rugby?

- O que distingue? À partida são logo os miúdos, os próprios jogadores, que vêm de um meio desfavorecido, em que à partida este é um desporto onde a característica principal é serem miúdos oriundos de outras classes. E, pronto, depois foi um clube que foi surgindo, aliás ainda nem é um clube, mas que foi surgindo ao longo do tempo, tínhamos pouco espaço físico, por exemplo, para treinar, tínhamos pouco material mas treinávamos com vontade. Foi surgindo, e apesar de ainda termos grandes restrições, nomeadamente, treinamos num campo de cimento, que não é o aconselhável para este desporto. Pronto, mas temos conseguido e acho que esses são os principais afazeres, por enquanto é o nosso público, a quem nos dirigimos e são as condições que nós temos que ainda não são iguais a outro clube e que nos torna diferentes.

- Agora particularizando para os jogadores. Que tipo de motivações achas que levam estes jovens a jogar Rugby?

- Acho que ao início, quando eles começam, eu penso que poderia ser um desporto qualquer que eles participariam, tanto fosse futebol, ou voleibol, ou basquete. Depois quando percebem já o desporto, quando percebem a modalidade, quando percebem as regras, gostam e sentem-se úteis porque aqui as diferenças físicas, o ser gordo e ser alto, o se é magro ou se é baixo, são jogadores que todos são precisos e todos podem dar um contributo, portanto eles sentem-se bem. Acaba por haver um grande espírito de união, um grande espírito de equipa, um grande espírito de amizade, que eles sentem aqui e que os leva a continuarem a jogar.

- Como é o envolvimento deles nas actividades decorrentes nos treinos?

- Entre eles?

- Sim o envolvimento deles, nos exercícios que pede para realizarem.

- Depende. Depende um bocado por serem miúdos e muitos não tinham experiência desportiva, ou seja, não estão habituados ao treino, não estão habituados a cumprirem exercícios, a terem que trabalhar em equipa. Às vezes é um bocado complicado eles perceberem a lógica do exercício, perceberem o que é que têm que se fazer além da parte técnica que, às vezes, ainda é um bocado difícil, mas também estão em aprendizagem. Acho que lhes falta um bocado de cultura desportiva para perceberem como é que funciona toda esta variante. E pronto, mas eu tenho tentado ao máximo facilitar o meu trabalho explicando de forma clara e de forma sucinta o que é que eles têm que fazer. A abordagem tem que ser essa, e simplificar ao máximo as coisas.

- Mas eles estão atentos, concentrados...?

- Atentos, concentrados?! Não, essas duas palavras não fazem parte do vocabulário. Os períodos em que estão concentrados são períodos muito pequenos de tempo. Atentos também não! Muito facilmente tomam atenção ao ar, ao chão, ao atacador, ao colega que está ao lado e não tanto a nós, portanto, é preciso arranjar constantemente formas para que eles fiquem atentos, para que fiquem motivados, para que consigam ouvir mas, à partida, são crianças que têm grandes défices de atenção, não conseguem ficar concentrados durante muito tempo.

- Sentes alguma dificuldade, por parte dos jogadores, em compreender as regras e instruções que dás?

- Sim. Eu acho que acaba mais por passar pelo funcionamento das próprias coisas porque por não estarem atentos, acabam por não perceberem o que é que têm que fazer não é? Mas pronto, tem essa dificuldade de o que é que têm que fazer porque não ouvem, no fundo prende-se com esse ponto. Não conseguem ouvir, então não percebem.

- Consideras que o treino favorece a expressão de emoções? De que forma?

- Sim! Porque primeiro acaba por ser um espaço onde eles estão algum tempo durante a semana e o que nós também tentamos fazer através do treino é, eles vivem muitas coisas más durante o dia-a-dia, então que naquele período de treino eles não pensem e não tragam para o treino as

coisas más e as fragilidades, e procurar que possa ser um tempo onde eles consigam aprender, onde consigam estar bem, onde consigam estar contentes e alegres. E tentar favorecer que esses sentimentos venham ao de cima. Acho que passa muito por aí, tentar diminuir ao máximo os maus comportamentos que também é muito fácil para eles seguirem por aí. E também por ser um desporto de contacto físico e embate, acaba também por eles sentirem, por eles expressarem muitas emoções.

- Como é que eles costumam lidar com a crítica?

- Depende! Como em tudo há uns que lidam melhor, há outros que lidam pior. Mas eu acho que aqui existem muitos jovens que têm uma auto-estima baixa, pela vida que têm, e acho que às vezes é difícil aceitar uma crítica, por muito construtiva que seja. Para eles é complicado ouvir uma crítica mas, no fundo, tentamos através da crítica fazer uma coisa boa e não uma coisa má, porque se é uma coisa má é muito difícil de aceitar. Mesmo que seja em prol de uma coisa melhor, para desenvolverem mais, primeiro a crítica é que é mau depois é que vem a parte boa.

- São mais comuns comportamentos de proximidade ou de agressividade dos jogadores em relação a ti e aos colegas?

- Entre eles?

- E, também, perante si.

- Há medida que o tempo passa, quer entre jogadores quer entre treinadores, há uma relação de maior proximidade mas, são os jogadores que explodem e partem para a agressão, facilmente, e partem para a agressão verbal, facilmente. São situações de risco, ou são situações extremas que, enquanto que uma pessoa que tem uma vida mais normalizada consegue aguentar essa pressão, eles facilmente explodem.

- Já pude observar que existe cooperação entre os jogadores, em contexto de treino. Consideras que se deve à modalidade desportiva (Rugby), que assim o exige, ou à relação criada entre eles?

- Aqui há uma vantagem porque eles já se conhecem, a maioria frequenta aqui o centro, o ATL. Portanto, à partida já têm relações de amizade estabelecidas e já se dão, o que facilita o trabalho depois no treino. Os que não andam aqui, que é raro o caso, facilmente se integram bem, e também, acho que a própria modalidade também apela à cooperação entre todos, porque só assim conseguem ser uma equipa.

- Alguns exercícios requerem parcerias e constituição de pequenos grupos, certo? Denotas uma tendência para estes serem criados segundo a cultura dos jogadores?

- Agora estou aqui a ver uns exemplos...mas é variado, aqui há muita diversidade de culturas, principalmente africanos e países de leste, é o que temos mais na nossa equipa. Os grupos, normalmente, acabam por se constituir não tanto pelas igualdades culturais mas mais pelas relações que eles têm, porque facilmente se tornam amigos, quer seja de leste, quer seja africano, quer seja português, e criam um grupo acho que é mais pela

relação.

- Existe uma atitude de preocupação/solidariedade entre os jogadores?
- Existe, existe! Às vezes ainda não é o desejado mas eu acho que existe. Também é um dos objectivos que está sempre inerente a este trabalho todo de treinos, a este trabalho de clube de rugby, é isso, é que cada vez haja mais. Mas existe! Às vezes não é o suficiente, gostávamos que fosse mais mas é trabalhado também.

- Que objectivos tens enquanto treinador?
- Os meus objectivos pessoais é que eu, no fundo, consiga transmitir da melhor forma o que sei, o que aprendo, consiga transmitir aos meus jogadores. Acho que é importante continuar a formação pessoal para ser cada vez melhor, cada vez mais competente, e nesse aspecto conseguir dar cada vez mais um maior contributo, como treinador aqui, não só para se tornarem melhores jogadores mas para se tornarem melhores pessoas com os valores que eu acho que lhes permite ter uma vida mais normal, digamos assim!

- Que obstáculos encontras em cada treino?
- De treino...há a ausência de campo próprio, é um grande obstáculo porque dificulta o treino. E às vezes um obstáculo é também um pouco o conhecimento que existe da modalidade. Se fosse um clube de futebol estavam miúdos a cair da janela para se inscreverem... E, como é regra não ter conhecimento da própria modalidade neste meio, é um obstáculo, é um número de praticantes em menor número do que gostávamos que fosse. A falta de cultura desportiva que têm dificulta aqui um bocado o papel de treinador, também o torna mais existente. E, pronto, acho que estes são os principais!

- E a atenção e concentração deles, não é?
- Sim, mas eu acho que isso está um bocado implícito na cultura desportiva que eles não têm. Mas, pronto, não posso falar por aí, já eles também têm essa dificuldade na escola, e têm dificuldade de atenção e auto-estima.

- Que principais diferenças encontras entre a equipa de Rugby e o contexto de ATL, Escola...?

- As principais diferenças no aspecto do que é que eles vivem de diferente?

- Sim. Quais são as vantagens de estarem na equipa?

- Eu acho que uma grande parte costuma estar junto fora do desporto, fora do rugby, e tem tempo para brincar e falar, e têm tempo para fazer asneiras, e depois no rugby acabam por partilhar o que não têm nas suas vidas que é uma luta em união, ou seja, há que atingir uns objectivos e para atingir esses objectivos têm que lutar todos, todos têm que dar o seu contributo e todos têm que estar dispostos a querer. Há uma coisa que eles por norma não fazem em casa, não fazem na escola, não fazem aqui no ATL; sabem que têm que se portar bem, sabem essas coisas todas, sabem o que lhes é exigido, mas não são obrigados a dar mais como colectivo e dão mais como individual. Essa é a parte que acaba por ser mais trabalhada.

- Achas que o desporto favorece a interculturalidade?

- Se eu acho que favorece... Sim favorece, porque tal como eu disse, independentemente de onde vem, da pessoa que é, da sua constituição, das dificuldades que tem, acho que dentro de uma equipa não se faz a diferença, não se deve fazer a diferença da pessoa. Cada caso deve ser individual mas deve ser olhado como um grupo e,

independentemente dessas tais diferenças, esse indivíduo desse ser trabalhado para conseguir inserir-se num grupo e, portanto, acho que o desporto é um veículo muito importante na inclusão de pessoas com diversas culturas.

- Obrigada!

Entrevistado: Treinador Sub-12

- Dados pessoais:
Sexo Masculino
20 anos
Frequenta o 2º ano de Gestão

- Podes falar-me da tua experiência enquanto treinador?

- Nunca treinei, jogo Rugby desde os 3 anos, no Belenenses, nunca joguei cá, e vim para cá a convite de outros treinadores, do Bernardo, por exemplo. Decidiram começar com o projecto desta Escolinha e um ano depois, quando isto começou a crescer, sentiram a necessidade de ter mais treinadores, então falaram comigo. Este é, se não me engano, o 2º ou 3º ano que estou cá a treinar. Foi aqui a minha aprendizagem enquanto treinador, aprendendo para depois também ensinar aos miúdos.

- E como é que tem sido esta experiência?

- Tem sido ótima, tem sido muito boa, por um lado porque ensino Rugby, que é uma coisa que eu adoro, ensinar Rugby é muito bom, fosse aqui ou noutro lado qualquer, ainda bem que é aqui... Gosto muito do papel que o treinador tem nesta casa, que não o tem noutros sítios, não somos só treinadores de Rugby, somos também amigos, somos educadores... Toda essa vertente mais social, e de contacto mais próximo com os miúdos, esse acompanhamento mais rigoroso, a situação dos próprios miúdos, também me fascina imenso. Como jogador de Rugby também tem sido muito bom e muito gratificante, pelo que tenho aprendido, de facto pela exigência que eles me colocam, as atitudes e a forma como fazem as coisas, obviamente por serem de culturas diferentes e terem perspectivas diferentes do jogo, mas também porque me obriga a mim a ter mais conhecimento do jogo, e a estar mais atento aos pormenores enquanto jogador de Rugby.

- O que distingue este contexto (Escolinha de Rugby da Galiza) de outros clubes/equipas de Rugby?

- Imensas coisas. Principalmente, porque acho que a Escolinha de Rugby, mais do que um clube, é uma família. Obviamente que no Rugby falamos muito nisso, que a equipa é uma família, mas aqui eu sinto mesmo que é verdade. Isto porque uma pessoa entra aqui e inspira-se ao sentir este espírito familiar, que se insere no próprio espírito familiar que é o ATL, que engloba muito mais pessoas. Concretamente, a Escolinha de Rugby da Galiza também é muito diferente dos outros clubes de Rugby... também há muitos projectos semelhantes a este, mas a maior parte dos clubes de Rugby é diferente, porque a Escolinha usa o Rugby não como objectivo final, não é uma escola só para o Rugby, virada para os resultados desportivos, mas usa o Rugby como elemento de inserção social e de apoio para os miúdos. Isso torna as coisas completamente diferentes. Nós como entidade desportiva, esforçamo-nos por evoluir, mas nunca perdendo no horizonte

o nosso objectivo, que é manter os miúdos entretidos, poder ter um acompanhamento dos miúdos, poder através do Rugby que é um desporto divertido, transmitir-lhes alguns valores desta casa, valores que consideramos essenciais num ser humano que, se calhar, nas condições destes miúdos, não existindo a Escolinha, não teriam tanta oportunidade de crescer com esses valores.

- Que tipo de motivações achas que levam estes jovens a jogar Rugby?

- Por um lado, acho que a maior parte deles gosta imenso de desporto, obviamente há miúdos que não gostam, mas a maior parte deles, gosta da actividade física. Acrescentando que a maior parte deles vive sob um ambiente difícil em casa, de grande stress, todo um ambiente que lhes dá muita tensão na vida. O desporto é óptimo para uma pessoa libertar essa tensão. Às vezes até esquecer os problemas. Por outro lado, o Rugby é um desporto giro, ao início dá-lhes curiosidade, é pouco conhecido. Toda a gente joga futebol, e por não ser conhecido cria curiosidade. O que tem acontecido cá é que os miúdos gostam imenso do jogo. O Rugby não foi escolhido por acaso, porque é um desporto que defende muitos dos valores que existem nesta casa, tudo o que é trabalho em equipa, sacrifício para um objectivo comum, camaradagem, fascina os miúdos de uma maneira que eles se calhar nunca pensaram sentir, apesar de no futebol ou noutros desportos também se trabalhar em equipa, existe cada vez mais uma tendência para o individualismo, e no Rugby é completamente o contrário, pois por muito que se queira, não há capacidade de mérito, digo isto a nível internacional. Por fim, por ser um desporto com bastante contacto físico faz com que os miúdos lidem com o limiar da violência. Acontece muito no bairro, por tudo e por nada a mãe ou o pai a bater em não sei quem... Começam a perceber que não é preciso bater para que a raiva se vá embora. Essas maneiras de lidar com situações de tensão que levam à agressividade, conduzi-la no bom que há, investir toda a força em prol da equipa, e principalmente fazer perceber que a violência não é o caminho.

- Como é o envolvimento deles nas actividades decorrentes nos treinos?

- Eu costumo dizer, quando falo da Escolinha, que cada caso é um caso. Porque pela diferença, variedade racial e étnica, cada um age de maneira diferente. Existem aqueles que são completamente despistados, que têm imensa vontade de aprender mas depois são trapalhões, há muitos em que se nota a falta confiança que têm, e nota-se a necessidade que têm em mostrar a sua autoridade e de exigirem respeito, nem sempre das melhores maneiras, e aqui estamos a falar de miúdos com cerca de dez anos... de facto uma pessoa olha e é engraçado ver as reacções deles, porque à primeira vista muitas vezes parecem mimados, mas por trás disso tudo conhecemos a realidade que eles vivem em casa. Mas também é giro vê-los a envolverem-se nos treinos, todos na mesma onda (que também acontece várias vezes) e em que o espírito de equipa prevalece acima de quaisquer vontades individuais, vê-se que eles estão ali e estão felizes, olhamos para as caras deles e vemos que estão completamente felizes, e percebendo mais ou menos de Rugby, o que queremos é que eles saibam que todos têm lugar ali dentro, mesmo fisicamente é importante haver pessoas de diferentes capacidades. É importante haver de tudo, e aprender que nessa diferença se consegue construir um todo muito mais rico que qualquer individual. Passam a envolver-se mais quando percebem isso e começam mais a dar o seu contributo em prol do colectivo.

- E a atenção/concentração?

- Por vezes existe um problema grande, no geral são muito distraídos, e acho que isso já vem da escola, muitos deles têm imensos problemas de concentração, isso reflecte-se

nas notas. Eu próprio acompanhei um aluno que reprovou imensas vezes, e em que chegámos à conclusão que o problema dele não é a fraca capacidade ou a falta de capacidade intelectual mas sim a falta de concentração, e isso reflecte-se (no geral) nos treinos. Voltando à realidade das aulas, muito poucos estão atentos, eles sentem-se obrigados a ir à escola, acham que é uma seca, e depois no seu bairro têm outro tipo de tentações que os faz sentir muito mais respeitados, mais senhores, importantes e crescidos, que é mais divertido cederem, e que lhes dá muito mais regalias (no momento). Não têm essa consciência, porque não têm ninguém em casa para lhes dizer, e bons exemplos (pais, irmãos, primos). Não percebem que estar na escola é fundamental para algum dia ser alguém na vida. Eles não têm esta realidade, o que têm é familiares que traficam e que foram presos, quase nem os vêem, têm miúdos na escola que puxam por eles para negócios, toda esta realidade que existe no bairro, frente a uma realidade que é a escola, é muito mais poderosa, porque um miúdo de 12, 13, 14 anos quer é fazer “negócios da treta” para receber dois euros para ir comprar um gelado, e ter uma data de telemóveis, etc. De facto é um jogo muito difícil de lidar, todo este mundo tentador mais forte desmotiva imenso da escola. Eles vêem o bom aluno como “xoninhas”, quem é bom é quem chumba. Toda esta mentalidade é mais tentadora. Não sabem mais nada da vida, não têm outra realidade, ser dealer, ser quem ajuda na droga dos mais velhos é mais tentador do que ser o miúdo das boas notas. Fazemos também esse acompanhamento, mais do que qualquer outra coisa. É mais importante do que os resultados desportivos. É um confronto difícil, um braço de ferro constante entre nós e o outro mundo.

- Sentes alguma dificuldade, por parte dos jogadores, em compreender as regras da modalidade e as tuas instruções?

- Alguns miúdos apresentam uma capacidade de entendimento e de concentração muito reduzida. Há miúdos que se nota que têm 12 anos e que estão nas salas dos miúdos de 8 anos, e nestas idades nota-se uma diferença muito grande. Porque eles de ano para ano evoluem imenso, e quando uma pessoa estagna nestas idades é uma diferença brutal. Temos o exemplo do irmão mais velho que foi ultrapassado pelo mais novo, e isso nota-se imenso. No geral, há miúdos que têm capacidades enormes (físicas e intelectuais, culturais, interesse), mas que não são exploradas, porque não têm ninguém que os valorize e que os motive. Impressiona-me no geral a sua capacidade de perceber as coisas e pô-las em prática. A maior parte deles tem facilidade nisso. Mais rápido as coisas correm mal por distração ou por falta de vontade, do que de facto por não perceberem a complexidade do jogo. No entanto, há casos que tentamos jogar de maneiras diferentes (assim como no estudo). Há miúdos cheios de capacidades distintas, mas que a única diferença que têm dos outros é o meio onde nasceram.

- Consideras que o treino favorece a expressão de emoções? De que forma?

- O stress, imenso, no lidar com a agressividade, a frustração, angústia, problemas que muitas vezes não sabem de onde vêm. O Rugby para estes miúdos é um ótimo instrumento para eles canalizarem muita da tensão que têm. Por outro lado, é muito interessante a criação de vínculos (nós insistimos muito nisso), através do espírito de equipa, porque sem equipa não se vai a lado nenhum, e a importância que isso tem para fora, saber que para o bem e para o mal temos alguém ao nosso lado. Isto é um espírito que se vive entre jogadores, mas também treinadores, entre direcção e jogadores, etc. O espírito de família que se vive nesta casa permite a criação desses vínculos que são fundamentais para a vida. Sabemos que somos referências para estes miúdos (nós vivemos com estes valores, católicos, não impondo religiosidade a ninguém),

mostramos a estes miúdos que somos felizes assim e a nossa vida depende destes valores basilares.

- Como lidam os jogadores com as críticas?

- Essa é uma boa pergunta...varia de caso para caso... Nem sempre bem, porque não são pessoas habituadas a ouvir críticas. Mas antes das críticas, iria primeiro para a questão de como eles se sentem com tanto carinho. Para eles (os que estão há mais tempo estão habituados), mas quem chega agora, nota que o amor, a preocupação, o carinho por parte de toda a gente é uma coisa que eles não têm provavelmente em mais lado nenhum. Em casa, quase de certeza, pelas situações já referidas, na escola também porque não é possível fazer o acompanhamento mais rigoroso...E de facto eles chegam aqui e enfrentam uma situação que não estão habituados, pessoas que estão preocupadas com eles, isto para o bem e para o mal...

Como eles reagem com coisas boas... É difícil, temos de saber sempre até onde mimar, e até onde dizer “ok, já chega” e agora vamos ser exigentes... É preciso conciliar estas duas coisas... mimar (porque são crianças), e ser exigentes, puxar por eles, fazer com que eles percebam que podem fazer coisas óptimas da vida, e que vejam aqui também uma oportunidade. Para eles nem sempre é fácil perceber isto porque não lhes é natural, mas a verdade é que sentem como os outros (e são crianças, são simples, são naturais), e percebe-se que são miúdos que são instáveis neste campo emotivo. É preciso saber lidar com estes sentimentos porque são muito frágeis, porque dentro deles têm insegurança e instabilidade. Ao falarmos de críticas e de elogios, podem existir reacções boas ou más. Não saber elogiar e criticar pode ser mau.

- São mais comuns comportamentos de proximidade ou de agressividade dos jogadores em relação a ti e aos colegas?

- Eles são miúdos que não têm uma grande educação em casa (desde a agressão física, verbal, respeito pelo outro). Alguns já viram esfaqueamentos, espancamentos quase até à morte, e outras situações, e portanto é uma noção completamente diferente daquela a que uma pessoa comum está habituada. Não se pode analisar um gesto de agressividade em si, mas dentro de um contexto de vida de um miúdo deste tipo. No quotidiano deles, quando alguma coisa corre mal, eles dão um murro ou pontapé, é o que lhes ensinam no bairro. Na minha experiência, essas faltas de respeito diminuem brutalmente à medida que eles vão entrando para a Escolinha. Com o tempo um miúdo vai percebendo o que é uma atitude “à Escolinha”. O acompanhamento que se faz aqui reduz esses comportamentos. As metas que nos propomos alcançar e que melhor alcançamos é essa.

- Já pude observar que existe cooperação entre os jogadores, em contexto de treino. Consideras que de deve à modalidade ou à relação criada entre eles?

- Por ambos. O Rugby não foi escolhido ao acaso. O Rugby é muito genuíno, há uma frase do Rugby a nível nacional que é “O Rugby é uma escola para a vida”, e é uma coisa que está presente no Rugby a nível nacional. Nós aqui escolhemos o Rugby para praticar o Rugby genuíno, para praticar os valores bons e que faz do Rugby uma escola para a vida. Nisso, uma das coisas boas é o espírito de equipa, e a necessidade de jogarem juntos porque acho que é giro ver quando os jogos não correm bem, é porque muitas vezes cada um deles tentou resolver sozinho. O que acontece é que se perde a bola e uma equipa em coesão ganha rapidamente. E nós aqui fazemos a ponte do Rugby para a vida real. Explicamos que na vida é exactamente a mesma coisa. Mais do que uma taça queremos olhar para os miúdos e ver que são uma equipa, atenuando os defeitos de cada um.

- Alguns exercícios requerem parcerias e constituição de pequenos grupos, certo? Denotas uma tendência para serem criados segundo a cultura dos jogadores?

- Não. Eles cá não têm noção de diferenças raciais. Claro que sabem se é branco é branco, preto é preto, se é cigano e tem aquela cor escura e suja (como às vezes brinco com eles), têm cor e não é mentira nenhuma, ninguém esconde isso e toda a gente vive bem com isso. São alheios ao que se fala no mundo, as questões raciais e o que se fala para aqui e para ali sobre estes assuntos. Acolhem muito bem jogadores novos que venham, também pela publicidade que a escolinha tem lá fora, que vêm e não pertencem ao bairro, e que até têm situações familiares óptimas, vêm para cá e são acolhidos rapidamente no grupo. Isso também se torna um problema, porque quando se distrai um, distraem-se todos e só querem é brincadeira, mas é giro porque o espírito de equipa é muito importante na Escolinha. Respira-se esse espírito de equipa à parte de todas as questões raciais, às quais eles são alheios.

- Existe uma atitude de preocupação/solidariedade entre os jogadores?

- Muito. Uns mais que outros, obviamente, depende dos temperamentos, mas sim, há preocupação entre todos. Mas por exemplo, quando faltam os treinadores, em situação de treino, eles ficam sem saber o que fazer, suscitando logo pressão e tensão, e muita da parte má e egoísta vem ao de cima. Mas quando as coisas estão bem, de facto há muita preocupação pelo outro e por aquele que está em dificuldades.

- Que objectivos tem enquanto treinador?

- Em primeiro lugar, e não é o mais importante, é evoluir e crescer como treinador. Eles precisam de maneiras diferentes de lhes explicar a mesma mensagem. Treinos que os cativem, ter uma boa presença cá, crescer como treinador. Estar sempre disponível para eles, fazer um bom acompanhamento, usar o Rugby para lhes passar valores, no tempo em que ainda são miúdos, e mais tarde, que sejam valores que lhes fiquem para a vida. Com estes valores podem ir muito longe. Dar-lhes confiança e carinho. Ser um irmão mais velho, um amigo, cativando-os sempre para estes valores. A vida não é o bairro, temos um país, temos um mundo, e mostrar-lhes que eles são precisos nesse mundo.

- Que principais diferenças existem entre a equipa de Rugby e o contexto de ATL, Escola...?

- As famílias, dificuldades financeiras, as referências, por exemplo, o irmão que foi dez vezes preso e é o herói, pelo pai que lhe pede para levar droga a não sei quem, isso tudo é uma realidade muito dura... Penso em mim naquela idade com a mesma situação e vejo o que faria... Temos de louvar muito o que estes miúdos fazem aqui. É um mundo difícil de combater mas que vale a pena. Felizmente temos conseguido muito bons resultados. Há uma missão que faz todo o sentido. Queremos dar-lhes uma oportunidade que tivemos à nascença. Para poderem tomar decisões importantes na vida.

- Achas que o desporto favorece a interculturalidade?

- Acho que sim, acho que no Rugby isso é interessante não só pela questão das diferenças culturais mas também entre as outras, acho que o desporto une, cada um tem o seu papel, perceber que em diferentes sítios há coisas que unem, e o desporto é uma delas, seja aqui, no Paquistão ou no Brasil. É uma coisa que pode unir muito, mas cá dentro somos mais parecidos do que à partida pensamos. Às vezes associamos os negros a pessoas coitadas, mas perceber isso é importante e ganhamos uma riqueza muito maior. Acima de tudo são diferenças que nos podem fazer crescer e tornar mais ricos.

- Obrigada!

Entrevistado: Capitão Sub-14

- Dados pessoais:

Sexo Masculino

14 anos

Nacionalidade Romena

- Há quanto tempo jogas aqui na Escolinha de Rugby da Galiza?
- Há um ano.
- Gostas de jogar nesta equipa?
- Sim.
- Porquê?
- Porque adoro Rugby...tenho cá os meus amigos...o X é bom treinador...
- E que diferenças encontras entre esta e outras equipas/clubes de rugby?
- Nós temos mais atitude do que as outras equipas. Os treinos são diferentes. Nós tentamos não ser tão duros, aqui é para nos divertirmos.
- Pensas que o facto de a equipa integrar jogadores de diferentes culturas pode ser uma vantagem?
- Não é importante. É dar uma oportunidade a todos.
- Sentes-te motivado para jogar Rugby? E os teus colegas?
- Sim.
- E os teus colegas?
- Os meus colegas também. Eles gostam de jogar senão não jogavam.
- Nos treinos é fácil estar atento?
- É fácil estar atento.
- Mas o rugby tem muitas regras, não é?
- Tem muitas mas não são difíceis.
- E é mais fácil estar atento no rugby ou na escola?
- No rugby!
- Porquê?
- Porque é para divertir, para treinar, para aprender umas coisas que nós vamos usar no campo, e também coisas que aprendemos a usar na vida, e é mais divertido para nós.
- Achas que quem joga Rugby melhora as notas na escola?
- Isso depende de cada pessoa. Se quer estudar vai estudar, eu prefiro fazer as duas coisas, estudar e treinar.
- Consegues conciliar as duas coisas?
- Consigo.
- Como é que a equipa lida com as críticas (do treinador, dos colegas...)?
- Bem! Mas alguns não, alguns respondem aos treinadores.
- Mas isso é frequente?
- Não. De vez em quando.

- Existe agressividade entre os elementos da vossa equipa?
- Somos uma equipa unida. Se há agressividade ou vai haver, sempre resolvemos o problema.
- E tu e os teus colegas preocupam-se uns com os outros?
- Preocupamo-nos uns com os outros. Somos como uma família.
- Como é que tu, como capitão, fomentas o espírito de grupo?
- É muito bom! Como eu disse somos como uma família.
- O que fazes nos treinos, nos jogos...para fomentar esse espírito de equipa?
- No jogo tenho que comandar a equipa, nos treinos tenho que ajudar o treinador e comandá-los também, dizer o que está mal, que está bem, o que têm que melhorar.
- Quais são os teus objectivos enquanto capitão?
- Ser jogador de rugby profissional, como todos! Quero que a equipa chegue ao topo, de uma forma divertida.
- E ganhar os jogos, também é importante?

- É muito importante para quase todas as equipas. Mas nós só jogamos e tentamos dar o nosso melhor.
- Obrigada!

Entrevistado: Capitão Sub-12

- Dados pessoais:

Sexo Masculino

11 anos

Nacionalidade Portuguesa (filho de pai Angolano e mãe Brasileira)

- Há quanto tempo jogas rugby aqui na Escolinha da Galiza?
- Há um ano.
- E gostas de jogar nesta equipa?
- Sim.
- Porquê?
- Tenho amigos, eles são divertidos e os treinadores são fixes.
- Que diferenças encontras entre esta e outras equipas/clubes de rugby?
- A cor da pele... e as nacionalidades.
- Achas que o facto de a equipa integrar jogadores de diferentes culturas pode ser uma vantagem?
- Sim.
- Porquê?
- Reparam mais em nós.
- E ao nível do jogo, é melhor ou pior?
- Não sei... Umas equipas são melhores, outras piores... aliás, não há equipas piores ou melhores, umas jogam menos que nós, outras melhor...
- O facto de serem de diferentes culturas é bom, cada um fala da sua não é? O que é que achas?
- Pois... conhecemos melhor os outros países também...
- Sentes-te motivado para jogar Rugby?
- Sim.
- Gostas de jogar?
- Gosto.
- E os teus colegas?
- Gostam todos de jogar.
- Nos treinos é fácil estar atento? É mais fácil do que na escola?
- Às vezes é, outras vezes não é...
- Porque é que achas que não é?
- Às vezes não consigo estar atento porque alguém está a brincar e depois a equipa distrai-se... E depois não corre bem.
- É mais fácil estar atento no treino do que na escola?
- Depende das disciplinas.
- Quando gostas das disciplinas é igual?
- Sim.
- E achas que quem joga Rugby ter melhores notas na escola?
- Sim.

- Como é que a equipa lida com as críticas (do treinador, dos outros colegas...)?
- Não são bem críticas, os treinadores dizem-nos o que não estamos a fazer bem para nós melhorarmos.
- E os teus colegas levam isso a bem ou não?
- Levam a bem. E na vez seguinte fazem melhor.
- Existe agressividade entre vocês?
- Nós quase sempre somos unidos mas às vezes há discussões. Mas raramente acabam em confusão.
- As coisas resolvem-se?
- A maioria das vezes sim, mas outras vezes partem para a violência.
- E quando isso acontece, o que é que fazem?
- O treinador vai falar connosco, quem não está a lutar tenta separar...
- E no próximo treino as coisas funcionam melhor?
- Sim.
- Tu e os teus colegas preocupam-se uns com os outros?
- No Rugby temos de nos preocupar uns com os outros. O treinador diz que temos de ter comunicação, porque se não existir comunicação, um está a pensar numa coisa, outro noutra e as coisas não dão certo.
- Como é que tu, enquanto capitão, fomentas o espírito de equipa?
- Vou separar os colegas quando há conflitos, digo para eles não discutirem, e na parte prática digo para fazerem a “Linha” (*exercício que exige a cooperação em equipa*). Quando olho para as outras equipas explico aos meus colegas onde é que os outros são piores e melhores... Os meus colegas estavam a dizer que a equipa de Cascais é boa no *touch*, mas eu também lhes disse que não perdemos nenhuma bola.
- E quais são os teus objectivos enquanto capitão?
- Manter um bom ambiente de equipa, fazer com os colegas se sintam bem na equipa, ajudar o treinador a arrumar o material...é isso!
- E enquanto jogador?
- Gostava de ser um jogador de Rugby profissional, dar o meu melhor, gostava de jogar na Selecção um dia...
- Para vocês, ganhar é muito importante?
- O treinador diz que não é o mais importante. O importante é divertimo-nos, gostar do jogo. O treinador diz que o menos importante é o resultado do jogo.
- E tu achas isso?
- Sim, também acho.
- Obrigada!

Entrevistados: Jogadores Sub-12 (3)

- Dados Pessoais:

Sexo Masculino

11 anos

Nacionalidade Portuguesa

- Há quanto tempo jogas rugby aqui na Escolinha?
- 3 anos.
- Gostas de jogar nesta equipa? Porquê?
- Sim, gosto.
- Porquê?
- Porque gosto de jogar rugby e tenho amigos na equipa.
- Que diferenças encontras entre esta e outras equipas de rugby com que vocês jogam?
- Umas são mais rápidas que outras...
- Achas o facto de a equipa ter jogadores de diferentes culturas é uma vantagem?
- Sim. Porque alguns são mais rápidos que outros.
- Sentes-te motivado para jogar Rugby?
- Sinto.
- E os teus colegas?
- Os meus colegas também.
- Nos treinos é fácil estar atento?
- É.
- É mais fácil do que na escola?
- Sim, porque a escola é uma seca.
- E achas que quem joga Rugby melhora as notas na escola?
- Sim.
- Como é que a equipa lida com as críticas do treinador e dos colegas?
- Aceitam bem.
- Já houve agressividade entre os teus colegas?
- Não. Não me lembro de haver...
- Vocês preocupam-se uns com os outros?
- Sim, porque somos amigos.
- O que é que tu, como jogador, fazes para haver o espírito de equipa?
- Dar-me bem com os meus colegas, na escola também estar com eles...
- E quais são os teus objectivos enquanto jogador?
- Ser bom jogador e jogar em equipa.
- Obrigada!

- Dados pessoais:
Sexo Masculino
11 anos
Nacionalidade Portuguesa/ Etnia Cigana

- Há quanto tempo jogas rugby aqui na Escolinha?
- Há quase 3 anos.
- Gostas de jogar nesta equipa?
- Sim, porque gosto dos meus colegas e de jogar rugby. Já joguei futebol mas não tenho muito jeito e vim para o rugby, e prefiro.
- Que diferenças achas que existem entre a vossa equipa e as outras com quem vocês costumam jogar?
- Umas jogam melhor, outras pior...eu acho que nós jogamos bem.
- Pensas que o facto de a equipa ter jogadores de diferentes culturas e nacionalidades pode ser uma vantagem?
- Acho que é igual.
- Sentes-te motivado para jogar Rugby? E os teus colegas?
- Sim.
- E os teus colegas?
- Acho que os meus colegas também gostam.
- E nos treinos é fácil estar atento?
- Não muito.
- É mais fácil nos treinos ou na escola?
- É mais fácil na escola porque nos treinos às vezes brincamos e distraímos-nos. E às vezes o treinador chateia-se e acaba o exercício.
- Achas que quem joga Rugby tem melhores notas na escola?
- É preciso saber jogar rugby e saber estudar.
- Como é que os teus colegas lidam com as críticas, do treinador, dos outros colegas...?
- Há uns que não lidam muito bem, ficam um bocado chateados mas depois passa.
- Existe agressividade entre os elementos da vossa equipa?
- Já houve, mas estiveram de castigo e depois ficaram outra vez amigos.
- Tu e os teus colegas preocupam-se uns com os outros?
- Sim.
- Achas que a vossa equipa é unida?
- Sim é.
- O que é que tu fazes para que haja espírito de equipa, que é muito importante, não é?
- Estar atento e não lutar.
- Quais são os teus objectivos como jogador?
- Jogar bem e dar o máximo.
- Obrigada!

- Dados pessoais:
Sexo Masculino
10 anos
Nacionalidade Portuguesa (filho de pais oriundos da Europa de Leste)

- Há quanto tempo jogas rugby aqui na Escolinha?
- 3 anos.
- Gostas de jogar nesta equipa?
- Sim.
- Porquê?
- Porque gosto de jogar rugby.
- Que diferenças encontras entre a vossa equipa e outras equipas/clubes de rugby?
- Não sei...mas acho que não queremos só ganhar, o importante também é participar.
- Achas que o facto de a equipa integrar jogadores de diferentes culturas pode ser uma vantagem?
- Não sei, tanto faz.
- Sentes-te motivado para jogar Rugby?
- Sim.
- E os teus colegas?
- Os meus colegas também.
- Nos treinos é fácil estar atento?
- Mais ou menos, eu brinco muito.
- É mais fácil estar atento na escola?
- É mais fácil nos treinos porque gosto mais.
- E achas que quem joga Rugby melhora as notas na escola?
- Humm...não sei responder.
- Como é que os teus colegas lidam quando o treinador ou outro colega faz uma crítica?
- Oh eu às vezes fico chateado, mas passado um bocado já não estou.
- Os teus colegas são agressivos? Ou alguma vez foram?
- Às vezes chamam nomes quando alguém está a falar muito ou a brincar.
- Tu e os teus colegas preocupam-se uns com os outros?
- Sim.
- O que é que tu fazes para a equipa se dar bem?
- Passo a bola e tento jogar bem.
- E o que vais fazer para continuares a ser um bom jogador?
- Tentar jogar cada vez melhor.
- Obrigada!

Entrevistados: Jogadores Sub-14 (3)

- Dados Pessoais:

Sexo Masculino

13 anos

Nacionalidade Romena

- Há quanto tempo jogas na equipa aqui na Escolinha?
- Há, mais ou menos, 3 anos.
- E gostas de jogar nesta equipa?
- Gosto.
- Porque é que gostas?
- Porque tenho cá muitos amigos, gosto de rugby e da Maria (Gaivão).
- Que principais diferenças achas que tem a vossa equipa e outra com quem jogam?
- Os treinadores. São mais fixes. Eu joguei um ano noutra equipa e não gostei, o que mais importava era ganhar. E aqui dizem-nos para, acima de tudo, nos divertirmos.
- Achas que o facto de a equipa ter jogadores de diferentes nacionalidades pode ser uma vantagem?
- Sim, porque tenho cá amigos romenos.
- Sentes-te motivado para jogar Rugby? E os teus colegas?
- Sinto.
- E os teus colegas também?
- Acho que todos estão motivados e gostam. É o que me parece.
- Nos treinos é fácil estar atento?
- Sim.
- É mais fácil nos treinos ou na escola?
- É mais fácil nos treinos porque estamos mais activos.
- E achas que quem joga Rugby pode melhorar as notas na escola?
- Acho que sim, aprendemos melhor, porque o rugby tem muitas regras.
- Como é que a equipa lida com as críticas (do treinador, dos colegas...)?
- Uns não lidam muito bem, mas também não ficam assim muito chateados. Eu não fico, tento da próxima vez fazer bem.
- Existe, ou já existiu, agressividade entre os teus colegas de equipa?
- Já houve. Mas ficou logo tudo bem.
- Tu e os teus colegas preocupam-se uns com os outros?
- Sim, somos uma equipa unida.
- Como é que tu, enquanto jogador, fomentas o espírito de grupo?
- Ajudo sempre a equipa a dar o seu melhor.
- E quais são os teus objectivos enquanto jogador?
- Jogar bem e ajudar a equipa.
- Obrigada!

- Dados Pessoais:
Sexo Masculino
14 anos
Nacionalidade Portuguesa

- Há quanto tempo jogas aqui na Escolinha de Rugby da Galiza?
- Desde o início de 2010.
- Gostas de jogar nesta equipa?
- Sim gosto muito.
- Porquê?
- Porque é uma equipa unida, damo-nos todos bem.
- Que diferenças encontras entre a vossa equipa e as outras equipas de rugby?
- A nossa atitude. Nós lutamos sempre mas não ficamos muito chateados se não ganharmos.
- Achas que o facto de a equipa ter jogadores de diferentes culturas pode ser uma vantagem?
- Pode porque cada um pode dar as suas ideias consoante o que sabe.
- Sentes-te motivado para jogar Rugby?
- Eu sinto.
- E os teus colegas de equipa?
- Acho que todos os meus colegas gostam de jogar.
- Nos treinos é fácil estar atento? Ou é mais fácil na escola?
- Às vezes não é, mas é mais fácil do que na escola porque é mais divertido.
- Achas que quem joga Rugby melhora as notas na escola?
- Sim.
- Como é que os teus colegas de equipa reagem quando o treinador ou outro colega faz uma crítica?
- Alguns não lidam bem, mas a maioria sim, e voltam a tentar.
- Existe agressividade entre os elementos da equipa?
- Já houve...Chamaram nomes. Mas quando é assim o treinador obriga a fazer as pazes.
- Tu e os teus colegas preocupam-se uns com os outros?
- Preocupamos.
- O que é que tu fazes para que haja espírito de grupo?
- Dizer aos meus colegas para se darem bem e apoiá-los.
- E quais são os teus objectivos enquanto jogador?
- Saber jogar melhor e dar-me bem com todos.
- Obrigada!

- Dados Pessoais:
Sexo Masculino
13 anos
Nacionalidade Portuguesa (filho de pais Guineenses)

- Há quanto tempo jogas nesta equipa?
- 2 anos.
- E gostas de jogar nesta equipa?
- Gosto.
- Porquê?
- Gosto de jogar rugby, estar com os meus amigos...
- Que diferenças achas que há entre a vossa equipa e as outras com quem vocês jogam?
- Quando perdemos não ficamos chateados como as outras equipas. Na altura ficamos um pouco desanimados mas depois passa e no próximo jogo damos sempre o nosso melhor.
- Achas que o facto de a equipa integrar jogadores de diferentes culturas pode ser uma vantagem?
- Eu acho que sim, há equipas que não gostam de pretos. Aqui todos gostam e se respeitam.
- Sentes-te motivado para jogar Rugby?
- Sim.
- E os teus colegas também? Ou não tanto?
- Acho que também.
- Nos treinos é fácil estar atento?
- É.
- É mais fácil do que na escola?
- Sim, porque na escola estou mais lá fora (na rua).
- Achas que quem joga Rugby melhora as notas na escola?
- Talvez, não sei...
- E como é que a equipa costuma lidar com as críticas (do treinador, dos colegas...)?
- Às vezes fico chateado porque nem sempre a culpa é minha. E quando alguns colegas fazem críticas outros não aceitam.
- Existe agressividade entre vocês?
- Nalgumas vezes chamaram nomes e assim...Mas depois ficaram outra vez amigos.
- Tu e os teus colegas preocupam-se uns com os outros?
- Sim.
- Como é que tu, enquanto jogador, fomentas o espírito de grupo?
- Dou o meu melhor e trabalho em equipa.
- E quais são os teus objectivos como jogador de rugby?
- Ser um bom jogador.
- E ganhar os jogos?
- O mais importante não é ganhar mas nós ganhamos quase sempre, mesmo não tendo campo.
- Obrigada!

Anexo 4a:

Checklist de Avaliação dos Jogadores em Contexto de Treino

Assinale com um “X” o número da escala que considere adequado perante as seguintes afirmações, sendo:

1=Pouco; 2= Moderado; 3= Muito

Os membros da equipa...	1	2	3
1. São participativos			
2. Gostam de realizar tarefas em grupo			
3. Sabem comportar-se adequadamente na realização de exercícios de grupo			
4. Cumprem as regras básicas de convivência social (pedir desculpa, agradecer...)			
5. Aceitam e respeitam as decisões e opiniões do grupo			
6. Cooperam com o grupo			
7. Sabem esperar pela sua vez de participar no exercício			
8. Conseguem colaborar numa actividade sem supervisão			
9. Evidenciam algumas atitudes individualistas			
10. Demonstram maior empenho nas actividades que têm que realizar sozinhos			

Anexo 4b:

Checklist de Avaliação dos Jogadores em Contexto de Treino

Assinale com um “X” o número da escala que considere adequado perante as seguintes afirmações, sendo:

1=Pouco; 2= Moderado; 3= Muito

Os membros da equipa...	1	2	3
1. São participativos			x
2. Gostam de realizar tarefas em grupo			x
3. Sabem comportar-se adequadamente na realização de exercícios de grupo			x
4. Cumprem as regras básicas de convivência social (pedir desculpa, agradecer...)			x
5. Aceitam e respeitam as decisões e opiniões do grupo			x
6. Cooperam com o grupo			x
7. Sabem esperar pela sua vez de participar no exercício		x	
8. Conseguem colaborar numa actividade sem supervisão		x	
9. Evidenciam algumas atitudes individualistas		x	
10. Demonstram maior empenho nas actividades que têm que realizar sozinhos		x	

